

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

COBERTURA JORNALÍSTICA DO CARNAVAL:
Panorama da Abordagem do Desfile das Escolas de Samba em Diferentes
Épocas e Veículos

ANDRÉ MARIZ RAMOS

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

COBERTURA JORNALÍSTICA DO CARNAVAL:

Panorama da Abordagem do Desfile das Escolas de Samba em Diferentes
Épocas e Veículos

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

ANDRÉ MARIZ RAMOS

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Cobertura Jornalística do Carnaval: panorama da abordagem do desfile das escolas de samba em diferentes épocas e veículos**, elaborada por André Mariz Ramos.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

RAMOS, André Mariz.

Cobertura Jornalística do Carnaval: Panorama da abordagem do desfile das escolas de samba em diferentes épocas e veículos. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Eduardo Granja Coutinho

RAMOS, André Mariz. Cobertura Jornalística do Carnaval: Panorama da abordagem do desfile das escolas de samba em diferentes épocas e veículos. Orientador: Eduardo Granja Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar o jornalismo carnavalesco, sua história e como foi desenvolvido ao longo dos anos. A análise foi feita através dos principais veículos de cada período: jornal, televisão e Internet. A pesquisa contou com o auxílio de textos e artigos de especialistas em Carnaval, entrevistas com jornalistas, questionários e convivência em comunidades virtuais. Pretende-se revelar as transformações na maneira de cobrir Carnaval e o que pode ser feito para torná-la melhor.

Palavras-chave: Carnaval, escolas de samba, jornalismo cultural

ABSTRACT

The work aims to present the Brazilian Carnival's journalism, its history and how it was developed over the years. It was analyzed through the main vehicle of each period: newspaper, television and the Internet. The research was made with the support of texts and articles by experts in Carnival, interviews with journalists, questionnaires and acquaintanceship in virtual communities. It is intended to reveal the transformations in the way of covering Carnival and what could be done to make it better.

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Élio e Clélia, e à minha madrinha, Vera, que, lá do céu, continuam me acompanhando e orientando, como sempre fizeram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Ana Cristina e Ricardo, por todo o apoio e incentivo. Não apenas durante o processo de realização desta monografia e ao longo de toda a vida acadêmica, como também ao aceitarem entrar comigo no universo das escolas de samba, que, de certa forma, acabou sendo introduzido mais profundamente por mim no cotidiano da família. Obrigado por me darem CD's de samba-enredo e por me levarem ao Sambódromo para ver os desfiles. Foi uma das mais importantes contribuições para minha formação pessoal, cultural e profissional.

Agradeço aos amigos que já considero como irmãos, que sempre deram suporte nos momentos de dificuldade, segurança nos momentos de dúvida e compreensão nos momentos de nervosismo. Tendo me acompanhado nesta trajetória durante mais ou menos tempo, compartilho com todos esta vitória. Muito obrigado, Lucas Vianna, Cesar Abrantes, Jasmin Melcher, Natasha Rohr, Jéssica Mota, Andressa Barp, Pedro Freitas, David Ferraz, Felipe Gonzalez, Paulo Shor, Ricardo Cromack, Guilherme Cabral, Arthur Queiroz, Mariana Bard, Juliana Pixinine, Guilherme Estevão e todos os que fizeram parte da história que escrevi até aqui. Agradeço especialmente a Mariana e Guilherme Estevão por terem me auxiliado diretamente na produção deste trabalho, sendo fundamentais para seu término.

Agradeço, ainda, ao meu orientador, professor Eduardo Coutinho, aos demais membros da banca, professores Gabriel Collares e Micael Herschmann, à professora Raquel Paiva e à sua orientanda, Thais Barcellos, por confiarem na proposta da monografia e tornarem possível sua realização.

Por fim, agradeço a todos os jornalistas que se empenham em fazer, verdadeiramente, uma cobertura digna do Carnaval carioca. Sem reconhecimento, sem estrutura e sem visibilidade, mas com muito amor. Vocês são os protagonistas desta história.

*O sol
Vem logo, com sua energia
Pra gente falar da alegria
Do tempo que o Rio era feliz
(Como o Rio era feliz)
E a tal felicidade
Refletia uma verdade
Nos dias de Carnaval
Carnaval...
Com o povo pulando nas ruas
Nas praias, coretos, cordões
E a pequena burguesia
A rigor ou fantasia
Nos bailes do Municipal
Em blocos, foliões
Desfilavam por prazer
E cada escola de samba
Tinha o seu jeito de ser

Tinha o seu jeito de ser
Tinha o seu jeito de ser*

*Quase tudo se acabou
E as escolas permanecem
Se agigantam, se renovam
Mas precisam de cuidados
Este samba é uma prece
Santos, deuses, orixás
Mandem luz pra proteger
O momento é delicado
Astro-Rei, que é estrela
Ilumine os pensadores
Não deixe o samba morrer*

*Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba morrer
Lua dos compositores
Não deixe o samba morrer*

*Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba morrer
Velhas Guardas, diretores
Sambistas de todas as cores
Não deixem o samba morrer*

“Não deixe o samba morrer”

Compositor: Martinho da Vila
Samba concorrente da Vila Isabel para o Carnaval de 1997

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- IMPRENSA ESCRITA.....	14
2.1 A Crônica Carnavalesca.....	15
2.2 Os Jornais e os Desfiles das Escolas de Samba.....	20
2.3 O Estandarte de Ouro.....	27
2.4 O Carnaval nas Revistas.....	31
3- TELEVISÃO.....	35
3.1 As Primeiras Transmissões dos Desfiles.....	36
3.2 Manchete: A Transmissão Crítica.....	39
3.3 A Controversa Cobertura da Rede Globo.....	41
4- INTERNET.....	46
4.1 Os Sites Especializados.....	47
4.2 Webrádios: Cobertura Heroica.....	51
4.3 As Redes Sociais e as Comunidades Virtuais.....	54
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6- Referências Bibliográficas.....	60

1 – INTRODUÇÃO

O futebol e o Carnaval são os maiores representantes da cultura nacional. São símbolos do Brasil, identificam o país em qualquer lugar do mundo. Duas grandes paixões de um povo conhecido por sua alegria e vocação para festejar. O jornalismo esportivo é uma das grandes metas dos que optam por esta profissão. O início pode ser complexo, mas quem tem talento pode vislumbrar um futuro de glamour e reconhecimento. O futebol possibilita aos jornalistas um ramo extenso e com grandes chances de crescimento; existem telejornais e canais de TV voltados apenas para esportes. E o Carnaval?

Jornalismo carnavalesco é um termo pouco conhecido, praticamente improvisado, pouco abordado em qualquer faculdade. Durante o Carnaval, são os repórteres de outras editorias que precisam "sambar" pra conseguir cobrir a festa pelo país. Nas transmissões de desfiles de escolas de samba são, novamente, os jornalistas esportivos que fazem narrações e comentários. Quando acaba o Carnaval, acabam as escolas de samba para o grande público. Vão ser redescobertas apenas no final do ano, quando recomeçam a, timidamente, ganharem algum espaço na grade jornalística das grandes emissoras. Mas seu trabalho não para nunca. Um desfile de 82 minutos precisa de 365 dias de preparação. E existem, à margem dos grandes veículos, jornalistas que se dispõem a acompanhar toda esta trajetória. Por puro amor.

Esta monografia pretende mostrar que o jornalismo carnavalesco existe. E que esta expressão é mais do que conhecida pelo público fiel que acompanha diariamente o que é publicado nos sites especializados em cobrir as escolas de samba. Sim, porque não será falado sobre qualquer tipo de Carnaval, tão abrangente e culturalmente rico, repleto de variáveis em cada canto do país. O foco são as escolas de samba, principalmente as do Rio de Janeiro. Agremiações que trazem em suas trajetórias intensas mudanças e transformações, envolvendo a história nacional e até mundial.

Será mostrado que a relação entre o jornalismo e o Carnaval é secular. Que este jamais existiria sem aquele. Foram os jornais que criaram, desenvolveram e promoveram o desfile das escolas de samba como é feito hoje. Em uma época onde o Carnaval lírico das agremiações carnavalescas ainda fazia parte do cotidiano da sociedade, existiam jornalistas especializados não apenas em cobrir, mas vivenciar a festa. O jornalismo carnavalesco, mesmo que não usasse esse nome, era legitimado.

Porém, ao longo das décadas, a relação entre o jornalismo e o Carnaval mudou. Além de apresentar o jornalismo carnavalesco, este trabalho gostaria de alertar sobre o rumo tomado pela bonita história iniciada no século XIX. Se antes a imprensa incentivava e até cobrava que

as agremiações não perdessem sua essência, fazendo o possível para engrandecer o espetáculo, hoje se aproveita dele, o molda a seu gosto, da forma como lhe é mais conveniente, valendo-se do domínio financeiro que exerce e que torna as escolas de samba dependentes de suas vontades e caprichos. A mesma imprensa que foi primordial para que o Carnaval brasileiro se tornasse conhecido mundialmente, hoje o explora como se achasse que lhe pertence.

Para contar esta história, foi traçado um panorama da abordagem do Carnaval na imprensa, desde a primeira vez em que ganharam espaço nas páginas dos jornais até a cobertura dos sites especializados existentes hoje. A monografia foi dividida em três capítulos e, não por acaso, cada um deles trata de um veículo diferente. Mas não foi simplesmente para segmentá-la em assuntos específicos. Ao longo da história, cada veículo predominou durante uma época na cobertura carnavalesca. Primeiro os jornais, depois a TV e, por fim, a Internet. Este panorama foi feito através de pesquisas, entrevistas e da própria vivência neste universo durante mais de quinze anos.

Há de se destacar a grande dificuldade em encontrar publicações que tratem do jornalismo carnavalesco. São poucos os livros e artigos que abordam especificamente este tema, evidenciando o quanto ainda é um ramo do jornalismo pouco explorado e pensado. Assim, justifica-se outra proposta desta monografia: promover reflexão sobre o tema a partir dos inúmeros fatos e vertentes sugeridos.

O primeiro capítulo tratará da presença do Carnaval na imprensa escrita. É o maior dos três, devido à história do Carnaval nos jornais ser bem extensa e repleta de detalhes. Ainda mais quando se comparada com a televisão e a Internet, extremamente recentes. O Carnaval inseriu-se nos jornais através de crônicas, escritas, entre outros, por grandes nomes da literatura nacional, como José de Alencar. O capítulo se inicia falando destas crônicas e de como o Carnaval foi ganhando cada vez mais espaço nas páginas dos jornais. Para esta parte, foi utilizado como fio condutor o livro "Os Cronistas de Momo - Imprensa e Carnaval na Primeira República", de Eduardo Coutinho, grande referência sobre o tema.

Em seguida, falará sobre como um jornal, o *Mundo Sportivo*, na figura do jornalista Mário Filho, inventou o desfile das escolas de samba. A partir daí, o espetáculo cresceu cada vez mais, fazendo com que a relação com os jornais se transformasse, até praticamente desaparecer. Nesta parte, a principal publicação consultada foi o livro "Escolas de Samba do Rio de Janeiro", de Sérgio Cabral. O curioso é que o livro não é especificamente sobre jornalismo; ele conta a história do Carnaval e das escolas de samba desde o nascimento até a

época atual. No entanto, ao fazer isso, dá grande destaque aos jornais, mostrando o quanto a imprensa foi relevante para o desenvolvimento da festa.

Neste capítulo ainda serão apresentados os resultados de uma pesquisa feita com o público especializado do Carnaval sobre o Estandarte de Ouro, a principal premiação concedida às escolas de samba, promovida pelo jornal *O Globo*. Por mais que sua importância seja reconhecida, alguns resultados geram enorme polêmica, e muitos dos amantes da festa não concordam com a forma como o julgamento é feito. O questionário aplicado visa mostrar o que é aprovado ou não pelo público e o que poderia ser feito para tornar a premiação mais justa e coerente.

Por fim, o capítulo abordará a cobertura carnavalesca nas revistas. Uma história rápida, porém marcante, destacando-se, principalmente, pelo fotojornalismo. Além das antigas revistas de grande circulação, existem as distribuídas gratuitamente ao público da Sapucaí, voltadas totalmente para as escolas de samba e que sempre são muito procuradas. São representantes desconhecidas deste tipo de veículo, que trazem um conteúdo bastante rico e pouco divulgado.

No segundo capítulo será mostrado como o desfile das escolas de samba é transmitido pela televisão. Foi o tema mais difícil de ser encontrar em livros, sendo que outras monografias foram as principais fontes de consulta, bem como artigos de pesquisadores sobre Carnaval. O capítulo retratará a mudança do monopólio do jornal para a TV na cobertura do desfile das escolas de samba e como a cobertura é feita por este veículo.

Serão analisadas mais detalhadamente as duas emissoras que se destacaram na transmissão dos desfiles: a *Globo* e a *Manchete*. Cada uma com suas características, disputaram a audiência de 1985 até 1999, quando a *Manchete* deixou de existir. Mas a emissora do grupo *Bloch* deixou saudades nos foliões pela cobertura crítica que fazia, com comentários que engrandeciam e informavam a transmissão. Não se pode esquecer que apesar de um belo espetáculo, o desfile é um concurso, onde vence a que errar menos. Deixar de evidenciar os erros das escolas aliena o telespectador.

A *Rede Globo* é a única que detém, atualmente, os direitos de transmissão, podendo moldar o espetáculo da forma como melhor lhe convier, efetuando, como será mostrado, uma série de medidas controversas e insatisfatórias. As excelentes imagens produzidas pelos equipamentos cada vez mais modernos da emissora não compensam a defasada e pouco atrativa transmissão que faz.

No terceiro e último capítulo, a principal e mais recente parte da história do jornalismo carnavalesco, com o advento e popularização da Internet. Para este capítulo, foi primordial a

pesquisa feita pelo jornalista Marco Maciel, administrador do site *Sambario*, que pode ser considerado um dos pioneiros na produção de um artigo tratando deste tema. O Carnaval inseriu-se na web da forma mais natural: através de sites jornalísticos. Portais voltados totalmente para a cobertura dos desfiles e das escolas diariamente ao longo de todo ano. O jornalismo carnavalesco alcançou grandes proporções desde então, e só tem evoluído.

A partir deste crescimento, surgiram as coberturas através de webrádios, emissoras acessadas via Internet. A transmissão de eventos como escolhas de samba-enredo e ensaios técnicos, com áudio ao vivo, são as mais recentes novidades neste tipo de cobertura, possibilitando que o público acompanhe momentos importantes dos preparativos das escolas mesmo não estando presente nas quadras ou no Sambódromo. Para tratar sobre este assunto, nada melhor do que a opinião de quem faz a cobertura. Para complementar a análise das webrádios, foram entrevistados três jornalistas responsáveis por algumas das mais populares: Eugênio Leal, da *Tupi Carnaval Total*, Anderson Baltar, da *Rádio Arquibancada*, e Paulinho Carioca, da *Rádio Ação*.

Encerrando o capítulo e a monografia, será mostrado como as redes sociais e as comunidades virtuais se transformaram em um reduto de sambistas, o público especializado do Carnaval, que se encontram e falam sobre as escolas de samba na Internet, muitas vezes estando à frente dos próprios sites. E dão a certeza que o jornalismo carnavalesco, ainda que pouco conhecido e explorado, continuará escrevendo sua história, fazendo com que, felizmente, daqui a alguns anos, esta monografia precise ser atualizada.

2 - IMPRENSA ESCRITA

Ainda que os jornais venham perdendo cada vez mais espaço para a Internet, sua importância na história do Carnaval é tanta que se pode dizer que sem eles não haveria desfiles de escolas de samba. Foram os jornalistas que criaram, promoveram e desenvolveram os desfiles em seus primórdios, tirando as agremiações do anonimato e transformando-as no mais importante ícone da cultura popular brasileira.

A relação entre jornalistas e o Carnaval começou muito antes, quando a festa ainda era comemorada nos bailes das grandes sociedades e nos desfiles de ranchos e cordões. A crônica carnavalesca, debochada e satírica, iniciava a entrada definitiva do Carnaval nas páginas das publicações, formando uma geração de jornalistas foliões, especializados na cobertura das agremiações não só durante as comemorações, mas ao longo de todo o ano.

Mais tarde, com o engrandecimento dos desfiles e crescente valorização do caráter mercadológico das escolas de samba, a participação dos jornais mudou. Perdendo a influência direta no Carnaval, os jornalistas se distanciaram, quebrando o vínculo estabelecido com as agremiações ao longo dos anos. Os novos jornalistas não têm mais interesse e conhecimento aprofundado sobre Carnaval, não vivenciam o cotidiano das quadras e cobram das escolas o espetáculo, a plástica perfeita, o show. Depois da ironia e da crítica, o Carnaval é abordado pelos jornais com mera superficialidade.

O grande símbolo ainda existente do vínculo entre jornais e escolas de samba é o *Estandarte de Ouro*, o "Oscar do Samba", prêmio concedido pelo jornal *O Globo* para os melhores dos desfiles em diferentes categorias, uma entre tantas tradicionais premiações que os jornais promoviam outrora. Porém, mesmo o *Estandarte* gera bastante contestação por parte do público especializado do Carnaval, que tem dúvidas quanto à lisura e coerência dos resultados.

Existem ainda as revistas específicas sobre as escolas, que são tradicionalmente distribuídas ao público presente nos desfiles do Sambódromo. São as maiores representantes deste tipo de veículo no que se refere ao Carnaval, pois as revistas populares, que instituíram o fotojornalismo como marca de sua cobertura, proporcionando registros inesquecíveis aos sambistas, não existem mais.

Mesmo sem força, a imprensa escrita é indispensável para se entender a cobertura carnavalesca da forma como é feita hoje, o que melhorou e o que piorou, e como evoluiu ao longo das décadas. A história do Carnaval e a da imprensa se mesclaram e caminharam juntas

por um bom tempo, para, em seguida, melancolicamente se desmembrarem, perdendo grande parte da essência da verdadeira folia e da intervenção inteligente e relevante dos jornalistas.

2.1 A Crônica Carnavalesca

*Um corre-corre, um alvoroço em Lisboa
Anunciada a temida invasão
Dona Maria, conhecida como 'a louca'
Vem pro Brasil com o regente D. João
Deixou a ver navios Napoleão, que queria
O domínio de toda a Europa, por ambição
Abrindo os portos, nosso grande estadista
Chega no Rio, faz Brasil crescer nação
Cria banco pra guardar nossas riquezas
Com o Império, a cultura, a impressão
Um santuário ele fez pra aclimatar
Especiarias de além mar, academia militar
Circula o primeiro jornal brasileiro
É a Gazeta do Rio de Janeiro*

Composto por Joel Simpatia, Jorge Macumba, Paulinho do Táxi, Pierrot e Paulinho da Área, o trecho acima é a primeira estrofe do samba-enredo do G.R.E.S. Flor da Mina do Andaraí para o Carnaval de 2007, quando a escola desfilou no Grupo de Acesso B, a terceira divisão do Carnaval carioca. Com o enredo "O grande estadista do Brasil - João Maria José Francisco Xavier de Paula Luis Antonio Domingos Rafael de Bragança", a agremiação retratou a vinda de Dom João e a Família Real ao Brasil, fugindo da invasão anunciada pelo revolucionário francês Napoleão Bonaparte a Portugal.

Até então, não era permitida no Brasil a publicação de livros ou jornais. Com a chegada da família real, iniciou-se a história da imprensa brasileira, a partir da fundação da Imprensa Régia, a primeira editora nacional, em 13 de maio de 1808. Quatro meses depois, em 10 de setembro, começa a circular o primeiro jornal brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. O conteúdo da *Gazeta* era bem diferente do que se encontra nas publicações atuais, que possuem vasta quantidade de assuntos e informações sobre acontecimentos do país. A mestre em História Cultural Juliana Meirelles mostra o que a *Gazeta* relatava em suas páginas:

A *Gazeta do Rio de Janeiro* era estruturada em duas partes: seção noticiosa e seção de avisos. Na seção noticiosa a folha circunscrevia a fala do redator, incluía artigos escolhidos de diversos jornais europeus, apresentava cartas de militares e políticos de relevância no período, inseria informações

burocráticas – como o balancete financeiro da Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro – e também noticiava o cotidiano da realeza [...]. Já a seção de avisos era o local onde se concentravam os mais diversos tipos de anúncios, cujo enfoque, na maioria das vezes, era a prestação de serviços (MEIRELLES, 2007, p. 30).

Como se vê, o Carnaval jamais teria espaço nas páginas da *Gazeta*. No entanto, sua história seria profundamente mesclada com a da imprensa brasileira anos mais tarde, sendo que primeiro encontro entre os dois se deu através da crônica carnavalesca. A partir do século XIX, quando outros jornais já circulavam em território nacional, a imprensa não se restringia apenas a atender aos interesses da coroa. O entretenimento ganha espaço nas publicações e o Carnaval se insere neste contexto, não apenas como foco da informação, mas se relacionando e, futuramente, sendo modificado por influência dos jornais.

Com as crônicas de José de Alencar no rodapé das edições de domingo do *Correio Mercantil*, o Carnaval começa a ganhar proporção e importância na imprensa. No entanto, havia um paradoxo entre a ideia de Carnaval divulgada e promovida pelos jornais e o que realmente acontecia nas ruas cariocas. A imprensa retratava os anseios da burguesia e das elites intelectuais por um Carnaval à moda europeia, veneziano, onde os foliões vestem suas máscaras e fantasias luxuosas e saem às ruas distribuindo flores, jogando confetes e se comportando de maneira civilizada e robusta, sem excessos ou balburdia.

Comportamento oposto era o que se via no entrudo. Completamente incompatível ao ideal europeu que as elites projetavam para o Brasil, o entrudo nivelava pobres e nobres, levando-os à condição de batalhadores selvagens, usando como armas os mais diversos e inusitados ingredientes. André Diniz, professor e consagrado compositor de samba-enredo, descreve o que era a brincadeira do entrudo:

Uma das mais antigas formas de se brincar o carnaval no Brasil é o entrudo: o primeiro relato que se tem dele remonta ao Pernambuco de 1553. Trazido para cá por imigrantes portugueses, ele é caracterizado pela brincadeira de sujar uns aos outros com polvilho, pó-de-sapato ou farinha de trigo e de atirar limões-de-cheiro (limões recheados de água, urina ou outras coisas) em familiares e vizinhos. Rapidamente, o entrudo virou sinônimo de carnaval pelo Brasil (DINIZ, 2008, p. 17).

E engana-se quem pensa que tão arcaica manifestação era praticada apenas pelos desprovidos de bens e cultura. Havia os membros da nobreza que não se prendiam às convenções e aderiam ao entrudo. Entre eles, personalidades como os imperadores Pedro I e Pedro II. Os que resistiam refugiavam-se nos bailes realizados nos clubes, incorporando os personagens da *Commedia Dell'Arte* - pierrôs, arlequins e colombinas. Eram os carnavais das

grandes sociedades, onde prevaleciam os concursos de fantasias, as batalhas de confete e serpentina e os desfiles pelas ruas da cidade em carros decorados de forma pomposa, os chamados corsos. Foi a partir das grandes sociedades que se originou a primeira forma de imprensa voltada especificamente para o Carnaval, como mostra Eduardo Coutinho:

Cada grande clube tinha seu órgão oficial, além dos jornais vinculados aos seus grupos internos. Durante toda a temporada carnavalesca, esses jornais circulavam semanalmente nos bailes das agremiações e, por ocasião do desfile dos préstitos, eram distribuídos nas ruas, explicando ao povo o sentido das críticas e das alegorias (COUTINHO, 2006, p. 36).

Essas publicações possuíam um elemento bastante característico: o pufe. Os puffes eram anúncios dos próprios bailes de cada clube, onde se convocava os foliões a partir da exaltação das próprias qualidades de cada sociedade, com direito a críticas sociais e alfinetadas nos rivais. A linguagem dos puffes daria o tom das crônicas carnavalescas, que tratariam do Carnaval com um tom de deboche e irreverência, abandonando o ideal veneziano defendido por José de Alencar. A propaganda dos bailes girava em torno de um contexto hedônico, propondo prazer, loucuras e orgias.

Através dos puffes, o Carnaval chegou às páginas da imprensa tradicional, que viam nos anúncios uma forma de chamar a atenção do público. A primeira publicação a investir nos puffes foi a *Gazeta de Notícias*, seguida pelo *O País* e pelo *Jornal do Brasil*. O espaço do Carnaval nas páginas dos jornais cresceu cada vez mais, até ganhar o seu próprio. As crônicas e colunas passaram a ficar a cargo de repórteres especializados, que frequentavam as agremiações, entrevistavam seus dirigentes e procuravam saber em primeira mão o que cada uma preparava para seus desfiles. Tal profissional ficou conhecido como cronista carnavalesco. Entre os cronistas carnavalescos mais relevantes na história da imprensa estão Francisco José Gomes Guimarães, o Vagalume, e João Ferreira Gomes, o Jota Efegê.

A linguagem da crônica carnavalesca tinha características bem próprias e compatíveis com o espírito da festa. Coutinho (2006, p. 44) lembra que "o termo crônica não se refere apenas ao gênero literário jornalístico, mas também ao conjunto das matérias que compõem o noticiário relativo ao Carnaval". A crônica não tinha caráter opinativo ou informativo, mas levava ao leitor, de forma divertida, algum tipo de conteúdo referente ao Carnaval, seja na forma de charge, poema, pufe ou crônica, de fato. Sempre utilizando linguagem bem humorada e crítica.

A partir do desenvolvimento e popularização da crônica carnavalesca, além da inserção do próprio Carnaval na cultura social, cada vez mais se dissolveu o ideal de Carnaval

aristocrático que figurava nas crônicas de José de Alencar. Os cronistas mudaram de lado: em vez de maldizer a folia da massa, juntaram-se a ela, inclusive criticando quem a reprimia.

No início do século XX, a relação entre os jornais e as agremiações carnavalescas começou a se estreitar. Passou a ser uma tradição do período pré-carnavalesco que os jornais exibissem em seus saguões os estandartes dos ranchos e cordões que participariam dos concursos no ano. Esse vínculo acaba por criar uma garantia de que as entidades fariam um Carnaval civilizado na medida do possível, visto que era necessário um mínimo de organização nos festejos das massas para que ganhassem legitimidade dentro dos jornais e da própria sociedade. Os concursos podem ser vistos como uma forma de se medir forças entre os grupos carnavalescos, que a essa altura já possuíam grande rivalidade entre si.

A *Gazeta de Notícias* foi o primeiro jornal a investir em um concurso de cordões, em 1906. Patrocinou e divulgou amplamente a competição, tendo Paulo Barreto, o João do Rio, como um dos autores das reportagens especiais sobre as agremiações no período que antecedeu a festa. Em 1907, mais uma competição, a segunda Grande Festa dos Cordões. A *Gazeta* teve papel primordial na conciliação entre os dois tipos de Carnaval, o das sociedades e o das massas, historicamente segregados. Pouco a pouco, conseguiu convencer a elite de que as camadas populares tem seu valor, investindo na divulgação da nova identidade que os próprios jornais tinham lhes dado.

Com o sucesso dos concursos de cordões, o caminho natural foi a modernização das agremiações, que passaram a desenvolver desfiles mais voltados ao espetáculo, sendo, então, como profetizaram os jornais, semelhantes às sociedades, inclusive incorporando seu luxo e elementos, como fantasias luxuosas e carros alegóricos. Passaram a desfilar seguindo um enredo específico e aumentou o número de músicos em sua orquestra. Dentro desta nova conjuntura, surge, em 1907, o rancho Ameno Resedá, que se tornaria um dos mais conhecidos e importantes do Carnaval e se destacaria nas crônicas, por seu estilo diferenciado e moderno de desfilar.

Seguiram lado a lado jornais e agremiações carnavalescas. As crônicas defendiam a alegria ordeira dos ranchos, criticavam a censura e repressão ainda existentes e, a partir da segunda década do século XX, incorporaram as agremiações como produto nacional legítimo, embarcando nos ideais patrióticos característicos do período.

Em 1920, o *Jornal do Brasil* criou o Dia dos Ranchos. Idealizado pelo cronista Vagalume, constituía-se em um campeonato de agremiações, que precisavam ser perfeitamente organizadas, submetendo suas inscrições à sindicância feita pelo jornal. O concurso se tratava de mais uma tentativa de uma publicação de mediar a conciliação entre as

camadas da sociedade durante o Carnaval e acabar com a discriminação. Ao mesmo tempo, estreitava ainda mais a relação entre jornais e agremiações. Tanto que ranchos e cordões passaram a fazer das redações palco para apresentações. A visita da agremiação ao jornal, além do já tradicional ritual de entrega dos estandartes, melhorava sua imagem e lhe dava *status*. E como não poderia deixar de ser, virava assunto nas crônicas, como na em "Máscaras e cordões que nos visitaram", publicada na *Gazeta de Notícias* em 6 de março de 1916 e transcrita por Coutinho:

Eles aqui estão; aqui vieram; aqui vêm e virão! Entram pela porta adentro e a alegria sonora do riso e a pilhéria enchem a sala. Faísca todo o ambiente, vibrando a sonoridade dos guizos, o cascalhar dos pandeiros! [...] Eis um cordão. O estandarte treme, treme como uma pétala vermelha. [...] E vem outro e mais outro. É a vida florescendo. Agora são os violões quebrados nos choros lânguidos dos maxixes. [...] E todas as coisas são esquecidas, os deveres e tudo fica aí, enquanto o cronista pula, salta, estremece, e lá se vai pela porta afora, atrás daquela irresistível cachopa (apud COUTINHO, 2006, p. 74).

E os cronistas, encantados e seduzidos com a magia do Carnaval, passam a frequentar e fazer parte dos ranchos, blocos e cordões. Eram recebidos com muita festa, banquetes e homenagens. Estabeleceu-se, assim, uma relação de amizade que acabava por gerar benefícios às agremiações, que ganhavam elogios nas crônicas e, com isso, argumentos para se autoafirmar perante as outras. Mas, como foi dito, a relação entre jornalistas e agremiações não era movida por interesses, ainda que estes surgissem de forma natural. Os jornalistas passaram a integrá-las movidos por sua paixão, inclusive colaborando na publicação de veículos próprios das entidades.

Assim seguiu o Carnaval até o final da República Velha, em 1930, quando uma outra forma de divertimento popular vem à tona. A grande dualidade do Carnaval, até então, dava-se entre o luxo das sociedades e a algazarra das classes mais baixas. Mas havia classes mais baixas ainda, que viviam à margem da imprensa e da própria sociedade. E faziam Carnaval.

2.2 Os Jornais e os Desfiles das Escolas de Samba

*Praça Onze, berço das nossas fantasias
Deixa Falar deixou no peito a nostalgia
Dos ranchos, blocos e cordões
Dos mascarados nos salões
Pierrot beijando a Colombina
Chuva de confete e serpentina
Dos bondes ficou a saudade
Ah, que saudade do luxo das Sociedades¹*

A Praça Onze, no Centro do Rio de Janeiro, era o cenário do carnaval das classes mais baixas e marginalizadas da população. Reduto das tradicionais rodas de samba no terreiro de Tia Ciata, frequentado por compositores como Donga, Pixinguinha, João da Baiana e Heitor dos Prazeres. O samba tocado ali era o descendente dos músicos do Estácio, entre eles Ismael Silva, responsáveis por espalhar o gênero pelas comunidades cariocas e serem os precursores das escolas de samba. Foi nesta região que surgiu a primeira escola de samba do Brasil, a Deixa Falar. Mas, de acordo com o escritor e jornalista Sérgio Cabral, não é bem assim:

Deixa Falar, a primeira escola de samba, nunca foi escola de samba. Foi, na verdade, um bloco carnavalesco (e, mais tarde, um rancho), criado no dia 12 de agosto de 1928 [...], no bairro carioca do Estácio de Sá e, que, por ter sido fundado pelos sambistas considerados professores do novo tipo de samba, ganhou o título de escola de samba (CABRAL, 2011, p. 41).

Regiões onde hoje se localizam as principais escolas de samba do estado foram as primeiras a incorporarem o samba do Estácio e, pouco depois, formarem seus próprios compositores. Estamos falando do Morro da Mangueira, do Salgueiro, da Favela, da Formiga, o bairro de Oswaldo Cruz, a Zona Leopoldina, entre outras.

O fato é que as escolas que desfilavam na Praça Onze não tinham atenção nenhuma dos jornais e de suas crônicas, voltadas aos bailes das sociedades e aos ranchos, blocos e cordões. Isto mudaria a partir de 1932, quando seriam descobertas pela imprensa, que promoveria também o primeiro concurso entre as agremiações. Nada menos que o primeiro desfile das escolas de samba da forma como se conhece hoje, ainda que em proporções e estrutura completamente diferentes.

¹ "Gosto que me enrosco" - Compositores: Noca da Portela, Colombo e Gelson - Samba-Enredo da Portela para o Carnaval de 1995

A ideia foi do jornalista Mário Filho, diretor e proprietário do jornal *Mundo Sportivo*. Um jornal de esportes, que se encontrava em pleno recesso esportivo durante o período carnavalesco, já que, na época, o futebol e o remo eram praticamente os únicos assuntos da imprensa especializada. Quando não havia campeonatos dessas modalidades, o jornal ficava sem ter o que noticiar. Foi então que um dos repórteres do *Mundo Sportivo*, Carlos Pimentel, conhecedor das escolas de samba, sugeriu matérias sobre o seu inexplorado universo.

Foi então que Mário Filho teve a ideia: um concurso entre as escolas de samba, onde a campeã seria definida através da soma da pontuação que receberia em quesitos pré-estabelecidos em regulamento. O local escolhido para a competição foi a própria Praça Onze. Outros jornais, como *O Globo*, também apoiaram e divulgaram os desfiles. Em suas matérias, *O Globo* se referia ao concurso como "campeonato de samba", e usava como principal chamativo o caráter musical dos desfiles, enfatizando que "os sambas que se candidataram aos grandes prêmios são os mais lindos dos morros, das ladeiras, dos lugares sonoros do Rio", de acordo com reportagem de 4 de fevereiro de 1932, transcrita por Sérgio Cabral (2011, p.72).

Dezenove escolas participaram do concurso do *Mundo Sportivo*, entre elas a Estação Primeira de Mangueira, Vai Como Pode (que mais tarde se tornaria a Portela) e Unidos da Tijuca. Vale lembrar que a Deixa Falar não disputou o título por ter deixado a categoria de escola e se promovido a rancho. A Mangueira sagrou-se campeã e o desfile de 1932 foi um enorme sucesso, como mostra a reportagem publicada no *Jornal do Brasil* no dia 9 de fevereiro daquele ano, transcrita por Sérgio Cabral. O Jornal destaca, ainda, a diferença entre o Carnaval da Praça Onze e o que acontecia nos outros pontos da cidade, que até então eram o foco do público e da imprensa:

O que ali se viu, anteontem e ontem, das primeiras horas da tarde às últimas da madrugada, vale como um atestado de que, quando aquela gente se reúne, sabe se divertir. O que a Praça Onze mostrou ao carioca excedeu a qualquer previsão e foi ainda uma nota inédita, porque teve aspectos diferentes dos que se apreciam em outros pontos da cidade. O carnaval da Praça Onze é privativo da Cidade Nova. E tem por isso atrativos e motivos exclusivamente seus. Um sucesso, um grande sucesso, um legítimo sucesso o carnaval da Praça Onze (CABRAL, 2011, p. 76).

O êxito dos desfiles foi tão grande que superou o fim da publicação que o criou, o *Mundo Sportivo*, e foi realizado novamente em 1933, desta vez sob nova direção. O jornal *O Globo* assumiu a produção dos desfiles, chamando para a equipe de cobertura os mesmos jornalistas que trabalharam no ano anterior. A esta altura, as escolas já tinham ganhado maiores proporções perante a imprensa. Os jornais investiam em matérias e entrevistas com

seus integrantes, visitavam as comunidades, conversavam com compositores e diretores e davam grande destaque aos sambas. Dois elementos presentes no regulamento formulado pelo *O Globo* estão presentes nos concursos atuais: a proibição de instrumentos de sopro e a obrigação de apresentar baianas, hoje organizadas em uma ala específica, elemento que ainda não existia.

O desejo dos jornais de explorar o universo das escolas de samba era tanto que começou a gerar disputas entre eles. Antes dos desfiles de 1933, o *Correio da Manhã*, através do centro de Cronistas Carnavalescos, planejou organizar a Noite das Escolas de Samba, que seria praticamente um concurso similar ao promovido pelo *O Globo*, com regulamento e julgadores. *O Globo* conseguiu impedir a realização do evento, que competiria com seu próprio desfile. Mas a equipe do *Correio* empenhou-se em fazer uma boa cobertura dos desfiles, como relatou Sérgio Cabral:

Não há dúvida de que o pessoal de *O Globo* agiu com grande habilidade, pois o *Correio da Manhã* foi o jornal que melhor cobriu o desfile de domingo de carnaval, publicando um dia antes dos próprios promotores uma imensa matéria sobre o evento. Além disso, o seu principal cronista carnavalesco, Pilar Drummond, foi convidado para fazer parte da comissão julgadora [...]. Quem sabe se tudo não foi resolvido mediante um contato diplomático do diretor de *O Globo*, o jovem Roberto Marinho (29 anos), com o diretor do *Correio da Manhã*, o também jovem Paulo Bittencourt? (*apud CABRAL*, 2011, p.84).

Os desfiles da Praça Onze foram, novamente, bem sucedidos. Trinta e uma escolas participaram, e a Estação Primeira de Mangueira conquistou o bicampeonato. A relação entre escolas de samba e jornais se estreitava cada vez mais. Após o carnaval, a Mangueira prestou uma homenagem ao jornal *Diário Carioca*, se apresentando em sua sede. A Azul e Branco do Salgueiro também o homenageou, realizando uma feijoada para sua equipe e apresentando um samba composto especialmente para a ocasião, intitulado "Salve o Diário Carioca". No *réveillon* de 1933, a equipe do jornal *Avante* participou da festa realizada pela Mangueira, que vinha sendo a preferida dos jornalistas. Os jornais, por sua vez, também promoviam diversos concursos envolvendo as escolas, como de melhor compositor e Rainha do Samba, do jornal *A Pátria*, e o Cidadão Samba, do jornal *A Rua*, concurso bastante popular e relevante na época, que indicava a personalidade do carnaval a cada ano.

Em 1934, o desfile foi comandado pelo jornal *O País*, e teve cobrança de ingressos. Dezesesseis escolas se apresentaram e, mais uma vez, a campeã foi a Mangueira, então tricampeã. Tal qual o *Correio da Manhã* tentara promover, em 1933, um concurso similar ao do *O Globo*, o jornal *A Hora* organizou e conseguiu realizar um desfile de escolas de samba

no Estádio Brasil. Neste desfile, a campeã seria eleita por voto popular. A Mangueira recusou o convite para participar, alegando, nas palavras de seu presidente Saturnino Gonçalves em entrevista ao *Diário Carioca* transcrita por Sérgio Cabral (2011, p. 98), que a escola não poderia colocar o título conquistado no desfile oficial "a mercê de um júri popular, onde por certo vencerá aquela que levar mais torcida". A escola Recreio de Ramos foi a campeã do desfile do *A Hora*.

Os desfiles de 1935 foram promovidos pelo jornal *A Nação*. Foi o primeiro desfile após a criação da UES - União das Escolas de Samba, a primeira entidade oficial representativa das agremiações, com estatuto e diretoria próprios, que conseguiu perante o governo a oficialização dos desfiles. Somente escolas filiadas à UES poderiam participar do concurso. A campeã de 1935 foi a Portela, quebrando a sequência de títulos da até então única campeã dos desfiles, a Mangueira.

Em 1936, o regulamento foi modificado; a UES determinou que a campeã do ano fosse a escola que obtivesse a maior nota no quesito Harmonia. A segunda colocada seria a que apresentasse o melhor samba, em terceiro lugar a de melhor nota em bateria, em quarto a com melhor nota em bandeira e em quinto a com o melhor enredo. A Unidos da Tijuca foi a campeã, embora para o *A Nação* o resultado mais coerente teria sido a vitória da Mangueira.

Durante os anos 30, as publicações começaram a criticar os desfiles e se posicionar de acordo com o que achavam mais adequado. Em um polêmico desfile, onde a polícia encerrou as apresentações quando ainda faltavam dezesseis escolas a se apresentar, impedindo que agremiações como a Mangueira e a então campeã Unidos da Tijuca fossem julgadas, a Vizinha Faladeira conquistou o título de 1937. Resultado bastante contestado nos jornais, pois a Vizinha não havia se destacado por sua harmonia, bateria ou samba, e sim pelo luxo das alegorias e pela comissão de frente, que apresentava integrantes montados em cavalos. Sérgio Cabral transcreveu trecho de matéria do jornal *Gazeta de Notícias*, comentando o resultado:

Se algumas escolas de samba - aliás, a maioria - souberam guardar as suas tradições, outras desvirtuaram por completo a sua finalidade. Vimos escolas de samba com carros alegóricos, instrumentos de sopro, comissões a cavalo etc. Isto não é mais escola de samba. Elas estão se aclimatando com as rodas da cidade e, neste andar, os ranchos vão acabar perdendo para elas (*apud* CABRAL, 2011, p.124).

Além da crítica propriamente dita, os jornais empenhavam-se em defender a essência dos desfiles e do carnaval, com foco nos elementos tradicionais. Não se impressionavam com o espetáculo e com elementos luxuosos. Para o Carnaval de 1938, a UES modificou novamente o regulamento, proibindo que as escolas apresentassem carros alegóricos ou

carretas e enredos internacionais. O primeiro desfile do Estado Novo, ditadura instaurada em 10 de novembro de 1937, aconteceu no Campo de Santana, devido às obras de construção da Avenida Presidente Vargas. Não houve resultado; dois dos três jurados não compareceram devido às fortes chuvas que caíram sobre a cidade, o que foi duramente criticado pelo *A Pátria*.

A Portela sagrou-se campeã de 1939 e a Mangueira, de 1940, encerrando a década e a primeira fase dos desfiles das escolas de samba. Ainda que estivessem com seu prestígio em alta, tornando-se cada vez mais a referência do carnaval brasileiro e um símbolo da cultura nacional, as escolas de samba começaram a perder um pouco de espaço e atenção dos jornais no início dos anos 40. Eram dois os motivos: a Segunda Guerra Mundial, que se iniciara em 1939 e, naturalmente, ganhou o foco das publicações, e a crescente insatisfação dos jornalistas, que, com a oficialização do Carnaval anos antes, perceberam que, pouco a pouco, estavam perdendo o controle de uma festa que até então era sua.

O Carnaval tornava-se cada vez mais um evento comercial e menos espontâneo, menos crítico. E a ausência da crítica não alimenta as crônicas, não dá margem ao conteúdo carnavalesco comum aos jornais. A oficialização trouxe benefícios, como o suporte financeiro e a visibilidade, fazendo com que os desfiles se tornassem mais organizados. Mas a submissão às regras fez com que as manifestações dos foliões fossem limitadas. Como diz Eneida de Moraes (1958), é uma alegria dirigida, onde o governo é poupado, as sátiras religiosas não são permitidas e aqueles que antes eram motivo de chacota agora são homenageados. E ainda que os jornalistas mais antigos e participativos do Carnaval observassem essas transformações com melancolia, havia aqueles que progressivamente iam se adequando ao novo contexto, como mostra Coutinho:

A partir dos anos 1930, como consequência da mercantilização dos folguedos de Momo, verificam-se transformações no jornalismo especializado em Carnaval. Inicia-se uma nova fase da crônica carnavalesca, que perde, progressivamente, a sua dimensão participativa e boêmia para dar lugar a um discurso tecnicista, mercadológico, publicitário e moralista. Os novos cronistas, mais preocupados com o brilhantismo do show business do que com a alegria das ruas, transformam-se, em muitos casos, nos paladinos da moralidade, chegando ao ponto - inimaginável em outras épocas - de apelar à polícia para reprimir não mais os famigerados cordões, e sim um dos traços característicos da festa popular, o erotismo (COUTINHO, 2006, P. 167).

Até mesmo os locais dos desfiles contribuía para que as escolas se afastassem cada vez mais do povo e de sua própria essência. A Praça Onze era cada vez mais destruída e

reduzida para dar passagem à Avenida Presidente Vargas, levando as agremiações a se apresentarem na Avenida Rio Branco, local aristocrático que intimidava o povo simples dos morros, obrigados a se adaptarem gradativamente. E os próprios membros das elites iam se familiarizando mais com o universo das escolas, passando a frequentar suas quadras.

A imprensa voltou a ter certa relevância no meio carnavalesco após a queda de Vargas, em 1945. Mas não foi devido às matérias com integrantes das escolas ou por causa das crônicas. Dois jornais, a *Tribuna Popular*, do Partido Comunista, e o *A Manhã*, do governo federal, acabaram servindo como armas nas disputas políticas entre ambos os lados, cada qual contando com uma organização de escolas de samba. Os comunistas tinham a seu lado a UGES, União Geral das Escolas de Samba, e o governo fundara a Federação Brasileira das Escolas de Samba, com objetivo de enfraquecer a rival. Usavam as páginas da *Tribuna* e do *A Manhã* para trocar acusações e produzir reportagens com pessoas relevantes do samba que fossem aliadas do respectivo partido. O embate se encerraria anos mais tarde com a extinção do Partido Comunista, ainda que a união entre as escolas em uma única entidade só fosse acontecer em 1952, com a criação da Associação das Escolas de Samba do Brasil.

O Carnaval e seu público evoluíam, perdendo as características originais e se transformando em espetáculo. A classe média da Zona Sul do Rio se interessava cada vez mais pelos desfiles e as escolas buscavam agradar. Nas palavras de Cabral (2011), os espectadores não queriam mais saber dos “bamboleantes monstrenhos sobre tablados de carros desconjuntados”. O visual precário das alegorias já havia sido criticado pelo jornal *O Globo* após os desfiles de 1954, comprovando que o interesse dos jornais passou a ser o caráter de show da festa. E as escolas buscavam seguir a tendência, tendo como o exemplo o Salgueiro, a esta altura já consolidado como uma das grandes escolas do Rio e que imprimia um maior nível estético na produção de seus desfiles. Comandada por Fernando Pamplona, a escola venceu quatro vezes, em 60, 65, 69 e 71.

Ingressos para os desfiles passaram a ser cobrados, assim como a entrada nas quadras das escolas. A classe média da Zona Sul não mais apenas assistia, já desfilava. As primeiras transmissões televisivas dos desfiles foram realizadas no início dos anos 60, como veremos mais à frente, e as escolas já reivindicavam pagamento pela exibição de suas apresentações. E para aparecer bem na TV, mais capricho no visual dos desfiles, em detrimento das tradições do samba. Sergio Cabral (2011) transcreveu reportagem da revista *O Cruzeiro*, do ano de 1971, que dizia que "as escolas de samba entraram definitivamente na era da comunicação de massa" e que o "samba-enredo tradicional, longo e pesado, traz problemas quase insolúveis

para sua divulgação radiofônica", mostrando que o próprio gênero samba-enredo também se modificava para atender às necessidades mercadológicas.

Nos anos seguintes, Joãozinho Trinta e a Beija-Flor de Nilópolis despontariam no cenário do Carnaval e revolucionariam completamente a estética dos desfiles, que já aconteciam na Avenida Presidente Vargas. A escola da Baixada, até então modesta, foi assumida pelo bicheiro Aniz Abraão David, o Anísio, que fez investimentos astronômicos e a transformou em potência. O jogo do bicho começava seu comando sobre o carnaval. Antes de Anísio, o bicheiro Castor de Andrade já se envolvera com a Mocidade e tornara-se seu patrono. Em meados da década de 70, o *Jornal do Brasil* publicou a reportagem "Escolas de Samba S.A.", da jornalista Lena Freitas, que mostrava a crescente relevância do investimento econômico nas escolas, tornando-se quase indispensável.

E ao longo dos anos não faltaram reportagens, artigos e matérias com integrantes das escolas de samba que lamentavam o engrandecimento do Carnaval. "O desfile das escolas de samba vai se tornando, ano a ano, um show maior [...], uma disneylândia pátria, um circo de maravilhamento", escreveu o *Jornal Do Brasil* em 1977. No mesmo ano, Dominginhos do Estácio, na época intérprete da extinta Unidos de São Carlos (hoje Estácio de Sá), deu entrevista à revista *Fatos & Fotos* dizendo que "samba-enredo com poesia pura, sem apelação, não cola mais. O negócio agora é aguentar o refrão e jogar pra frente". Em 1978, *O Globo* destacou que desde que os desfiles passaram a ser televisionados, "o visual prevalece". Em 1979, Paulinho da Viola disse, em entrevista ao *O Globo*, que "os sambas tem o compromisso de 'pegar rápido' para disputar o maior número de execuções de rádio". Ao *Jornal do Brasil*, no mesmo ano, Cartola disse estar cansado dos desfiles: "Parece mais desfile militar e não carnavalesco. Não aguento aquela correria". Todos os trechos foram transcritos por Sérgio Cabral (2011, p. 235-237).

A história do Carnaval seguiu com a construção do Sambódromo na Avenida Marquês de Sapucaí, onde os desfiles acontecem até hoje, e a fundação da Liga Independente das Escolas de Samba, que também comanda até os dias atuais os desfiles do Grupo Especial. E seguiu a história do Carnaval não tendo mais ao seu lado a história da imprensa escrita, que construiu os desfiles das escolas de samba. Hoje, não há mais uma cobertura constante do cotidiano das agremiações nos jornais impressos. A estreita relação entre ambos não se fez mais necessária e deixou de ser glamurosa. O cronista não é mais folião.

Ao ser incorporado pela indústria, o Carnaval se afasta do povo, e o cronista, que já não é mais folião, assume o discurso do Carnaval espetáculo: como

comentarista nos desfiles televisionados das escolas de samba, ele explicará ao povo consumidor o significado do enredo, dos carros alegóricos, das fantasias, enfim, da festa. [...] De seus camarotes, os novos cronistas legendam essas imagens, conferindo-lhes um sentido bem definido para a massa de espectadores que participam do Carnaval sentados em suas poltronas diante da televisão. (COUTINHO, 2006, p. 168)

Hoje, o principal jornal impresso do país, *O Globo*, mantém reportagens sobre os desfiles apenas no período que antecede o Carnaval. Uma página especial dedicada a matérias sobre as escolas e seus enredos começa a ser veiculada cerca de um mês antes do evento. A cobertura dos desfiles propriamente ditos recebe atenção maior nos dias posteriores a eles, com grandes reportagens sobre cada escola, mas com a visão superficial e que valoriza o espetáculo, comum aos grandes veículos de massa. Ao longo do ano, as novidades sobre as agremiações ganham pequenas notas na coluna do jornalista Ancelmo Gois. Outros dois impressos relevantes no estado, o *Extra* e o *O Dia*, dão mais atenção às escolas, proporcionando maior espaço e matérias a elas mesmo fora do período carnavalesco. Ainda assim, a cobertura dos dois é mais completa em seus portais na Internet, como será abordado no terceiro capítulo.

2.3 O Estandarte de Ouro

*Fui jornalista e escritor
O meu menino até virou governador
Deuses afro-brasileiros, o axé do meu tesouro
Tenho cinco Estandartes de Ouro
Eu sei que ao me ver chegar
É delirante a emoção
Que acelera o coração²*

A maior referência da relação entre o Carnaval e os jornais existente hoje é o *Estandarte de Ouro*, premiação concedida pelo jornal *O Globo* aos melhores dos desfiles em diversas categorias. Criado pelos jornalistas Heitor Quartin e Roberto Paulino e distribuído pela primeira vez em 1972, o *Estandarte* é conhecido como o "Oscar do Carnaval", sendo sempre aguardado com muita expectativa pelo público e pelos integrantes das agremiações.

O júri é sempre composto por jornalistas, especialistas em áreas técnicas, plásticas e artísticas contempladas nos desfiles e grandes nomes do Carnaval. As categorias premiadas sofreram modificações com o passar dos anos; algumas deixaram de existir e outras são mais

² "50 anos de história, assim conta minha senhora, Em Cima da Hora" - Compositores: Ivani Ramos, Fábio Lourenço, Célio Marques e Frank - Samba-Enredo da Em Cima da Hora para o Carnaval de 2010

recentes. Na última premiação, no Carnaval de 2013, as categorias foram: Escola, Samba-Enredo, Bateria, Enredo, Comissão de Frente, Intérprete, Mestre-Sala, Porta-Bandeira, Ala, Ala das Baianas, Passista masculino, Passista feminino, Revelação, Personalidade, Escola da Série A e Samba-Enredo da Série A, além de um Prêmio Especial concedido ao carnavalesco Fernando Pamplona.

Como premiação que envolve paixões e gostos populares, é de se esperar que o resultado do *Estandarte* nunca seja inteiramente bem aceito pelo público, que muitas vezes contesta a opinião do júri. Sobretudo o público que participa das comunidades e fóruns sobre Carnaval e acompanha as escolas de samba durante todo o ano. A fim de entender e analisar como o *Estandarte de Ouro* é visto e recebido por este nicho específico, foi realizada uma pesquisa em alguns dos principais grupos do Facebook sobre Carnaval. Através de uma enquete com perguntas simples e objetivas sobre a premiação do *O Globo*, foi possível traçar um panorama dos principais aspectos positivos e negativos do *Estandarte*, além de entender melhor o que o júri busca realmente premiar.

Durante um período de cinco dias, 84 pessoas responderam a enquete. Não se julgou necessário um período maior, já que o público que participa e, conseqüentemente, visualiza as postagens nos grupos não se altera tanto, sendo que os membros mais ativos já haviam participado da pesquisa. A primeira pergunta consistia em saber se o *Estandarte de Ouro* era uma premiação relevante para o Carnaval carioca. 81% dos respondentes disseram que sim e 2% acham que não. 17% acreditam que o *Estandarte* já foi relevante, mas não é mais hoje em dia. Isto mostra que, ainda que a grande maioria das pessoas admita a importância do prêmio, há aqueles que não o veem mais como referência, porém creem que no passado possuía mais credibilidade.

Na segunda pergunta, o público foi questionado se concorda com os resultados das premiações. 9% disseram que concordam com as escolhas do júri, enquanto 26% disseram não concordar. 42%, maioria dos respondentes, afirmaram concordar com a maioria dos resultados, não com todos. 23% disseram que concordam com a minoria. A imensa maioria que não concorda inteiramente com os resultados do *Estandarte* mostra que as escolhas do júri são passíveis de questionamentos.

Para saber o que desagrada os que não concordam com os resultados do prêmio, a eles foi direcionada a terceira pergunta, que questionou o que acham que são os principais problemas do *Estandarte*. Nesta pergunta, era possível eleger mais de uma opção. 56% dos respondentes falaram da parcialidade na hora do julgamento. Sugerem que os jurados se deixam levar por preferências pessoais na hora de avaliar as escolas. 47% apontaram o

juízo incoerente, que seria um resultado destoante do que o público observa na Sapucaí, sendo os prêmios dados a escolas claramente não merecedoras. 33% dos respondentes indicaram o juízo político como problema, que faria com que os votos do júri se baseiem em situações além dos desfiles para eleger os vencedores. Por fim, 17% votaram na incapacidade dos jurados, que seria a falta de conhecimento destes para avaliar os desfiles.

Na quinta pergunta, buscou-se saber quais categorias têm resultados mais e menos justos. Nesta pergunta, também era possível indicar mais de uma opção entre as dezesseis categorias do *Estandarte de Ouro*. Entre as premiações mais justas, a mais votada, com 68% de indicações, foi Samba-Enredo. Em seguida vieram Escola, com 44%, Comissão de Frente, com 37%, Porta-Bandeira e Samba-Enredo da Série A, os dois com 36%, Escola da Série A, com 34%, e Bateria, com 33%. As demais opções receberam quantidades inexpressivas de votos. Na pergunta sobre quais premiações são menos justas, a mais votada foi Bateria, com 40% de indicações. A segunda mais votada como mais justa, Escola, foi também a segunda mais votada como menos justa, com 38% dos votos. Em seguida, vieram as opções Enredo, com 26% e Intérprete, com 26%. As demais opções receberam quantidade inexpressiva de votos.

O paradoxo da votação da categoria Escola como uma das mais e menos justas, pode ter motivação a partir do último resultado do Estandarte, em 2013. A Mangueira foi eleita a melhor escola, mas o resultado não foi bem aceito. Tanto que, na cerimônia de entrega do prêmio, o presidente da escola até então, Ivo Meirelles, foi bastante vaiado ao receber o *Estandarte*. O descontentamento do público se devia ao fato do desfile da Mangueira ter tido inúmeros problemas: a roupa de integrantes da Comissão de Frente pegou fogo em pleno desfile, prejudicando a apresentação, o último carro alegórico bateu na torre de TV posicionada no fim da Sapucaí, o que fez a escola abrir um buraco em seu desfile, além do estouro do tempo máximo permitido de desfile³.

Apesar de tudo isso, o júri do *Estandarte* concedeu à escola o prêmio de Melhor Escola, alegando, como mostra matéria do site do jornal O Globo⁴, que "A Estação Primeira de Mangueira ganhou o *Estandarte de Ouro* do Carnaval 2013 por ser a escola que mais se comunicou com o público". A matéria diz ainda que "os jurados do prêmio [...] destacaram

³ Matéria do Portal Uol que relata os problemas enfrentados pela Mangueira em seu desfile de 2013: <http://carnaval.uol.com.br/2013/noticias/redacao/2013/02/11/com-divisao-de-bateria-mangueira-celebra-cuiaba-em-desfile-na-sapucaí.htm> (Acessado em 25 de novembro de 2013).

O desfile completo da agremiação, transmitido pela Rede Globo, pode ser assistido através do Youtube, no seguinte endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=VDroxe3d4DE> (Acessado em 25 de novembro de 2013).

⁴ Matéria do jornal O Globo que justifica a premiação concedida à Mangueira: <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval-2013/conheca-os-ganhadores-do-estandarte-de-ouro-2013-7561708> (Acessado em 25 de novembro de 2013).

ainda a beleza da verde e rosa, que vestiu suas alas de ponta a ponta com as cores da agremiação. Também chamaram a atenção para o bom desempenho da comissão de frente e para a qualidade do samba apresentado". Como se vê, a Comissão de Frente foi destacada apesar dos problemas com as roupas dos integrantes. Estes fatos comprovam que há motivos para a desconfiança do público e eleição, especificamente, do quesito Melhor Escola como um dos menos justos. Porém, sendo a Mangueira a escola de maior torcida e grande aceitação popular, também é compreensível quem apoie a escolha.

Na última pergunta do questionário sobre o *Estandarte*, foi solicitado aos respondentes que sugerissem melhorias para o prêmio. As respostas, em geral, não divergiram tanto. A sugestão mais citada, por 15% dos respondentes, foi a troca dos jurados do prêmio. 13% elegeram o julgamento mais imparcial como solução. 8% deram a ideia de estipular um júri popular, para que o público escolhesse as premiadas, seja em todas as categorias do Estandarte ou em algumas específicas. 6% dos votantes pediram um julgamento mais coerente, enquanto que 2% sugeriram que se divulguem quais critérios foram utilizados pelos jurados. 2% dos respondentes citaram como melhoria a volta do prêmio de Comunicação. Esta categoria existiu até os anos 80 e se baseava justamente no que parece ser o critério atual do júri para eleição da melhor Escola. O prêmio de Comunicação serviria para premiar aquela que mais mexesse com as arquibancadas, independente do desfile ter problemas ou não. Seria um prêmio coerente para a Mangueira em 2013, por exemplo.

A pesquisa revela que ainda que o *Estandarte de Ouro* seja um prêmio conceituado e relevante, possui muitas contestações e gera dúvidas. Acaba sendo mais uma evidência do distanciamento entre jornais e escolas de samba, outrora aliados. Como vimos anteriormente, muitas premiações às escolas eram promovidas pelas publicações, que vivenciavam o cotidiano das quadras e possuíam conhecimento de causa. Também há jornalistas presentes no júri do *Estandarte*, mas estes demonstram não saber como avaliar profundamente as agremiações de acordo com as especificidades de cada quesito. De certa forma, é irônico lembrar que foi o próprio jornal *O Globo* que ajudou a criar o regulamento técnico dos desfiles, em 1933, com algumas características presentes até hoje.

2.4 O Carnaval nas Revistas

*Tá na capa da revista o meu pavilhão
E na cara dessa gente, o orgulho, a emoção
Vermelha paixão no peito
Tem banca, moral, respeito⁵*

O Carnaval e as escolas de samba nunca tiveram cobertura integral em revistas, que só lhes davam atenção no período próximo aos desfiles. Porém, o jornalismo carnavalesco de revista já teve bastante destaque, ainda que hoje tenha perdido força. Isto entre as publicações populares, já que na Marquês de Sapucaí existem revistas distribuídas gratuitamente ao público voltadas só para as escolas de samba. São as mais relevantes neste tipo de veículo atualmente, apesar de pouco conhecidas do grande público e sem o mesmo alcance das publicações encontradas em bancas e livrarias.

A primeira revista que dedicou suas páginas às matérias sobre Carnaval foi a *O Cruzeiro*. Foi a única grande publicação que ainda participou das transformações dos desfiles nos anos 30, onde os jornais dominavam o cenário e participavam ativamente da produção dos desfiles. Fundada em 1928 pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro* estabeleceu uma nova linguagem na imprensa nacional, através da publicação de grandes reportagens e dando atenção especial ao fotojornalismo (Scalzo, 2004). E é justamente através de imagens que o Carnaval se destaca nas revistas, que se valiam dos desfiles cada vez mais luxuosos e pomposos.

O Cruzeiro foi a pioneira do fotojornalismo nacional. Muniz Sodré (1973) afirma que até o início dos anos 50, as revistas especializadas eram poucas e de qualidade sofrível. Os fotógrafos de *O Cruzeiro* constituíam uma espécie de elite profissional da época. Aos poucos, a revista foi servindo de inspiração para o surgimento de novas publicações e, por uma série de fatores, que incluem uma má administração, não resistiu à concorrência, deixando de circular em 1975.

As revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos*, ambas pertencentes ao grupo *Bloch*, passaram a ser os novos destaques do mercado, adquirindo grande tradição na cobertura do Carnaval, principalmente pelas imagens que publicavam. Durante anos, tiveram o domínio da cobertura dos desfiles baseando-se em suas imagens, que hoje são artigos de colecionador, sendo até mesmo publicadas em sites especializados em forma de coletânea. Importante destacar que estas revistas primavam por retratar os desfiles durante seu acontecimento. Produziam, então,

⁵ "Fama" - Compositores: Marcelo Motta, João Ferreira, Ge Lopes e Thiago Daniel - Samba-enredo do Salgueiro para o Carnaval de 2013

fotos das alegorias, das fantasias, dos desfilantes evoluindo na Avenida. Isto é importante para evidenciar o contraponto com as publicações existentes hoje.

O ano 2000 marcou a falência do grupo *Bloch*. Com isso, os títulos das revistas *Manchete e Fatos e Fotos* foram leiloados e as duas pararam de ser publicadas semanalmente. Atualmente, são veiculadas apenas em edições especiais, incluindo as de Carnaval, demonstrando sua relevância neste meio. O advento da Internet ao longo da década de 2000 também foi tornando menos inédita a cobertura dos desfiles através de imagens, que ainda hoje cresce virtualmente, proporcionando fotografias cada vez mais inacreditáveis e repletas de efeitos e tratamentos. Esta característica das revistas acabou se perdendo por se tornar obsoleta.

As grandes revistas existentes no mercado hoje também dedicam suas principais matérias ao Carnaval durante a época, mas de uma forma diferente. As lentes dos fotógrafos não se voltam mais para o que acontece na passarela e sim para o que está fora dela, principalmente nos camarotes mais badalados. Revistas como a *Caras*, a *Quem* e a *Contigo*, que são dedicadas ao jornalismo de celebridades, estampam em suas capas os famosos que mais rendem fofocas no Sambódromo ou os artistas internacionais que vêm a participar de algum desfile. O Carnaval em si fica apenas como segundo plano, um mero gancho. Além de edições especiais, como as da *Manchete e Fatos e Fotos*, não existe atualmente alguma revista que se dedique à cobertura dos desfiles propriamente ditos.

Porém, durante os ensaios técnicos e, principalmente, nos dias de desfiles na Marquês de Sapucaí, o público sempre recebe alguma das publicações que são distribuídas gratuitamente em seu entorno. São revistas voltadas integralmente para os desfiles, produzidas especialmente para esta época. Uma delas é a tradicional *Rio, Samba e Carnaval*, conhecida como *RSC*. Fundada pelo empresário Maurício Matos, a *RSC* foi distribuída pela primeira vez em 1972. Lula Branco Martins, editor da *RSC*, produziu uma reportagem especial para a edição número 40 da revista, na qual relembra a linha editorial da publicação:

Desde o início de sua caminhada, em 1972, (a *RSC*) serviu de guia para cariocas e turistas. Nas primeiras edições, fazia questão de ensinar. Havia inclusive a seção 'Escola de Samba é Isso', mostrando como funcionava uma bateria, qual a importância das alegorias, dos enredos, dizendo o que fazia uma porta-bandeira. Estas explicações não pararam no tempo: continuam até os dias de hoje, porque as regras do desfile mudam, estão sempre sendo atualizadas, para que a festa seja cada vez melhor (MARTINS, 2011, p. 119).

Com matérias em português e inglês, a *RSC* serve como ótimo guia para o público presente no Sambódromo, que pode entender melhor os enredos de cada escola, acompanhar a letra dos sambas e ainda conhecer um pouco mais sobre quem produz o espetáculo, em reportagens com carnavalescos, diretores, casais de mestre-sala e porta-bandeira, entre outros integrantes das agremiações. A *RSC* é produzida em dois segmentos: uma revista maior, com cerca de 150 páginas, onde estão as matérias e reportagens especiais, e uma outra menor, contendo o enredo, letra do samba, ficha técnica das escolas e um breve resumo sobre o regulamento do concurso. Outra grande expectativa gerada em torno da *RSC* é quem estampará a capa da revista, como fala Lula Branco Martins:

Surpresa também, já de duas décadas pra cá, vem movendo a escolha da musa que posa para a capa. É um segredo só revelado dias antes do desfile. Muito lá atrás não havia isso - até porque as capas da *RSC* retratavam geralmente foliões anônimos. Dos anos 80 em diante é que musas passaram a ser chamadas para embelezar a primeira páginas. O lugar que nesta edição (2011) coube a Viviane Araújo, já foi ocupado por muitas outras sambistas, modelos e atrizes, bonitas, famosas, como Pinah da Beija-Flor (1984), Adriane Galisteu (1998), Juliana Paes (2005) e Luiza Brunet (2009) (MARTINS, 2011, p. 122).

Além da *Rio, Samba e Carnaval*, outras revistas podem ser adquiridas nos dias de eventos carnavalescos na Sapucaí. Duas delas são da própria Liesa - Liga Independente das Escolas de Samba, que administra o Grupo Especial. São a *Ensaio Geral* e a *Liesa News*, ambas também distribuídas gratuitamente. A *Ensaio Geral* é o informativo oficial da Liesa. Conta com matérias sobre as escolas, ficha técnica, enredos e letras dos sambas, e informações sobre novidades e eventos da Liga. Além dos dias de desfile, a revista pode ser encontrada na quadra das escolas de samba, na Cidade do Samba e em hotéis e aeroportos. A *Liesa News* segue linha editorial parecida, porém é mais direcionada ao público estrangeiro presente no Sambódromo. Contém matérias mais curtas e explicativas, que são publicadas em português, inglês e espanhol.

Algumas escolas de samba também produzem suas próprias revistas, que são distribuídas no Sambódromo e nas quadras. Além de reportagens sobre o enredo do respectivo ano, trazem matérias específicas e mais aprofundadas sobre cada agremiação e, muitas vezes, desenhos originais dos projetos das fantasias e alegorias que vão ser mostradas no desfile.

Ainda que possuam um acervo vasto e rico, a *RSC*, as revistas da Liesa e as das escolas são pouco conhecidas do grande público, praticamente chegando apenas às mãos de quem vai ao Sambódromo assistir os desfiles. Na maioria das vezes, ainda acabam servindo

só para forrar o assento nas arquibancadas, sendo abandonadas lá mesmo ao final das apresentações. São publicações feitas por quem realmente entende e vivencia o espetáculo, valorizadas apenas por seu público específico, que, este sim, não sai da Sapucaí enquanto não adquirir um exemplar de cada.

3 - TELEVISÃO

Quando se pensa em cobertura de desfiles de escolas de samba, a televisão é a maior e mais conhecida referência hoje. É através das coberturas televisivas que tanto o público especializado quanto o leigo tem acesso e contato com as agremiações. Isto pode ser bom por um lado e ruim por outro, já que a forma como a televisão conduz a transmissão acaba influenciando diretamente na formação da opinião das pessoas sobre o Carnaval.

E, cada vez mais, a cobertura é feita de acordo com os interesses da emissora que detém os direitos totais de transmissão: a *Rede Globo*. O foco não é o desfile em sua essência, e, sim, tornar o fardo de aguentar horas ininterruptas de uma mesmice enjoativa mais agradável para quem não gosta tanto dos desfiles. É preciso garantir a audiência, o resto é resto.

Aos sambistas, resta lembrar, com saudades, de quando existia a *TV Manchete*, que rivalizava com a *Globo* e obrigava as duas a se aprimorarem cada vez mais, a fim de garantir a audiência. Transmissões críticas, marcantes, feitas por profissionais entendidos do assunto. Tempos que não parecem perto de voltar.

Enquanto os jornais foram cruciais para o nascimento e desenvolvimento do desfile das escolas de samba, a televisão segue um caminho diferente, quase oposto. Não ajuda o espetáculo a crescer mas se aproveita dele. Faz com que as escolas precisem se adequar ao que melhor lhe servir, e a elas, escolas de samba, não resta outra opção a não ser se submeter. É claro que a mídia faz com que os desfiles ganhem visibilidade e cada vez mais prestígio, principalmente fora do país. Mas a que custo?

São os sinais dos novos tempos. Se antes o público lia nos jornais como foram os desfiles, através das opiniões e críticas de uma imprensa especializada, hoje ele vê ao vivo o que acontece, em tempo real, com imagens tão precisas quanto a realidade. Em HD, em 3D. Capitaneados por jornalistas (com ou sem diploma) que podem não saber cantar a letra de nenhum samba, mas certamente sabem quais celebridades se fazem presentes nos camarotes. Coutinho sacramenta a relação da TV com o carnaval:

Uma certa 'Vênus' de algum modo destrona Momo como entidade suprema do Carnaval carioca, pondo em xeque o regime descentralizado da alegria, dos afetos e dos ritos comunitários. Não a deusa do amor e da beleza [...]. Essa também está sendo cassada. O erotismo de Afrodite, perdendo o sentido ritual, foi reduzido a mera pornografia [...]. Na verdade, a deusa que tudo fez para abolir o riso do Carnaval foi a Vênus Platinada - a televisão [...]; foi ela, a deusa da beleza padronizada (a Globeleza), estéril e enganadora, quem

retirou da festa o seu sentido regenerador, paródico e verdadeiramente erótico, erigindo como valor supremo o espetáculo, o luxo e o brilho da fama a serviço do lucro e da dominação (COUTINHO, 2006. p. 169)

3.1 As Primeiras Transmissões dos Desfiles

*Um ponto de luz surgiu
Na magia desta invenção
Descortinando o infinito
Preto e branco ou colorido
É imagem na televisão
Baila, cristalino, irreal
O poder da criação
Trazendo encantos e culturas
Na simplicidade de um botão⁶*

A primeira transmissão de imagens no Brasil foi realizada em São Paulo, no ano de 1950, através da *TV Tupi-Difusora*, pertencente aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Quatro meses depois, foi inaugurada a *TV Tupi*, no Rio de Janeiro. As primeiras emissoras brasileiras eram muito precárias e limitadas, se aproximando mais das características do rádio do que de uma televisão, propriamente ditas. Até porque os primeiros profissionais a realizarem as transmissões eram oriundos do rádio. O primeiro tipo de programação a se estabelecer no novo veículo foi o jornalismo, sendo o *Repórter Esso* um dos pioneiros e mais famosos telejornais brasileiros, mantendo-se no ar até a década de 70.

Ao longo da década de 50, outras emissoras foram fundadas, entre elas a *TV Record*, a *TV Continental* e a *TV Excelsior*, sendo esta considerada a "primeira emissora a ser administrada dentro dos padrões comerciais de hoje" (MATTOS, 2002, p. 85). A chegada da década de 60 marcou o início da consolidação da televisão como meio de comunicação com características próprias. Isto devido à criação do videoteipe, o popular VT, que proporcionou novas possibilidades ao veículo.

O uso do VT possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias (MATTOS, 2002, p. 87).

⁶ "Há um ponto de luz na imensidão" - Compositores: Dinoel Sampaio, Itinho, Neguinho da Beija-Flor - Samba-enredo da Beija-Flor para o Carnaval de 1992

A partir daí, a TV começa a tomar o espaço antes ocupado pelo rádio no cotidiano das famílias brasileiras, tornando-se veículo de massa e se espalhando pelo mercado nacional (Jambeiro, 2002). É nesta mesma época que começa a nova era da cobertura dos desfiles de escolas de samba, com sua introdução na programação televisiva e posterior crescimento, se destacando até hoje, ainda em constante aprimoramento.

A primeira transmissão dos desfiles foi realizada no próprio ano de 1960, pela *TV Continental*, através de *flashes*. O período da ditadura militar, iniciado em 1964, acabou contribuindo para desenvolvimento da televisão e aproximação dos desfiles das escolas de samba com o público da classe média, tornando inevitável a união entre TV e Carnaval. Mattos (2002, p. 34) relata que “os meios de comunicação de massa se transformaram no veículo através do qual o regime poderia persuadir, impor e difundir seus posicionamentos, além de ser a forma de manter o *status quo* após o golpe”.

A ditadura militar contribuiu para o impulso no desenvolvimento da TV no Brasil, ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado (LEAL, 2009, p.8).

Cássia Souza (2004) lembra que foi também neste período que a classe média começou a demonstrar maior interesse pelos desfiles, muito em virtude da repressão militar, que não dava espaço para manifestações mais livres e críticas, tão típicas do Carnaval. A nova demanda tornou necessária e conveniente a cobrança de ingressos para os desfiles, além da construção de arquibancadas para o público. Não é difícil concluir que a busca cada vez maior pelos desfiles fez com que as transmissões televisivas fossem cada vez mais valorizadas.

Foi durante a ditadura militar que surgiu a *TV Globo*, maior e mais poderosa emissora do país, que atualmente detém direitos totais de transmissões dos desfiles. Mas o caso da *Globo* é complexo e será analisado detalhadamente mais à frente. Até porque, antes de ser a maior referência na cobertura dos desfiles, disputou (e, de certa forma, perdeu) a preferência do público com a *TV Manchete*, por sua própria culpa.

A televisão a cores chegou ao Brasil na década de 70, proporcionando uma nova experiência na transmissão dos desfiles. A possibilidade de imagens coloridas acabou refletindo diretamente no espetáculo, fazendo com que as agremiações passassem a cuidar mais da parte estética, visando uma boa aparência nas telas da TV. No início da década de 80

é construído o Sambódromo, palco dos desfiles até hoje. Em 1984, foi realizado o primeiro desfile na passarela do samba, que, pela primeira vez, foi dividido em dois dias, seguindo a mesma mecânica do carnaval atual.

A *TV Globo* transmitia os desfiles até então. Diante da proposta da divisão em dois dias de apresentações, com metade das escolas em cada um, a emissora alegou que não teria condições técnicas para a transmissão, exibindo sua programação normal: *Fantástico* no domingo e novela na segunda-feira. A *TV Manchete*, emissora do grupo *Bloch* que ainda não tinha nem um ano de vida, transmitiu com exclusividade os dois dias de desfiles. Sérgio Cabral conta o resultado:

Resultado: a *TV Manchete*, transmitindo o desfile com exclusividade, começou conquistando a audiência do próprio domingo, quando, segundo pesquisa do Ibope, contou com 55% dos telespectadores contra 27% dos que preferiram o 'Fantástico'. Na segunda-feira, a vitória da *Manchete* foi massacrante: 59% a 7%. O fato é que, no ano seguinte, a *TV Globo* acabou encontrando as tais 'condições técnicas' e nunca mais deixou de transmitir o desfile das escolas de samba (CABRAL, 2011, p. 246).

Mas a *Manchete* já havia se inserido no mercado e se destacaria cada vez mais. Para maior azar ainda da *Globo*, a *Manchete* foi a única emissora a transmitir um dos momentos mais marcantes da história do carnaval carioca: a famosa "volta" da Mangueira, após o desfile de 1984⁷. Ao final de sua apresentação, os integrantes da verde e rosa, ainda sem conhecimento da dinâmica do Sambódromo, aproveitaram o fato da escola ter sido a última a desfilar e retornaram pela Marquês de Sapucaí no sentido inverso ao do desfile. Isto acabou se configurando numa continuação da apresentação, com os componentes cantando e dançando livres e misturados pela pista, ainda que provavelmente tivessem apenas a intenção de ir embora por um caminho mais fácil. A cena marcante se tornou ainda mais simbólica pelo fato da Mangueira ter se consagrado "supercampeã"⁸ de 1984. Esta, os arquivos da *Globo* perderam.

⁷ O episódio pode ser assistido através dos seguintes links do Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=nxGvpWtmfLY> (Parte 1);

<http://www.youtube.com/watch?v=W69Q7k4KdXY> (Parte 2);

<http://www.youtube.com/watch?v=0wDDFVIM5Tc> (Parte 3) (Acessados em 25 de novembro de 2013)

⁸ O desfile de 1984 foi dividido, pela primeira vez, em dois dias, como é feito até hoje. Foram eleitas duas campeãs, uma entre as escolas que desfilaram no domingo e outra entre as escolas que desfilaram na segunda-feira. No sábado seguinte ao Carnaval, ocorreu o chamado Supercampeonato, um novo desfile onde concorreram as três primeiras colocadas de cada dia, além das duas primeiras colocadas do grupo de Acesso. As oito escolas foram novamente avaliadas, disputando o título de Supercampeã, conquistado pela Mangueira. Foi a primeira e única vez que este modelo de competição foi adotado.

A partir de 1985 a *Globo* e a *Manchete* transmitiriam simultaneamente os desfiles. No entanto, as transmissões da *Manchete* são conhecidas até hoje por algo que se perdeu ao longo do tempo na imprensa carnavalesca e que o público especializado sente falta: a crítica.

3.2 Manchete: A Transmissão Crítica

*Aconteceu, virou 'Manchete' por aí
É a Cabuçu que homenageia
O menino de Kiev na Sapucaí
[...]
O senhor Adolpho Bloch
Ainda ajuda a cultura nacional
Com a imprensa, falada e televisada
Mostra os costumes dessa terra tão amada⁹*

"Rede Manchete, Estação Primeira do Carnaval" era o slogan da *Manchete* no Carnaval de 1997. Adequado para a emissora que fez coberturas marcantes e sempre muito bem aceitas dos desfiles das escolas de samba. Tratando o assunto com propriedade, os apresentadores e comentaristas da *Manchete* são lembrados até hoje por aqueles que tiveram a oportunidade de assistir as transmissões, sempre dando opiniões embasadas e coerentes, sem a superficialidade característica da *Rede Globo*, emissora que atualmente exibe as apresentações das escolas.

A mais carnavalesca das emissoras foi fundada em 5 de junho de 1983. Além do sucesso no Carnaval, a emissora também se destacou na área do jornalismo, da teledramaturgia e da programação infantil, ao exibir os desenhos japoneses de maior sucesso da década de 90 no Brasil. Saiu do ar em 1999, após uma grave crise financeira, dando lugar à atual *Rede TV!*.

Nos períodos que antecediam o Carnaval, a dedicação da emissora às escolas de samba era quase que total. Diversos boletins e programas eram produzidos especialmente para mostrar os preparativos para os desfiles e entrevistas com grandes personalidades, entre eles o *Jornal do Carnaval* e o *Botequim do Samba*. Após a desistência da *Globo* da transmissão do Carnaval de 1984, que deu exclusividade e vitória na audiência à *Manchete*, a emissora entrou de vez na concorrência, fazendo com que, a cada ano, cada emissora precisasse se aprimorar mais para cativar os telespectadores.

⁹ "Aconteceu, virou Manchete" - Compositores: Ney do Cabuçu, Jadir, Carlinhos Madureira e Roberto Gamação - Samba da Unidos do Cabuçu para o Carnaval de 1991

As coberturas da *Manchete* eram capitaneadas pelo jornalista Paulo Stein, que foi o âncora das transmissões de todos os carnavais exibidos na emissora, de 1984 a 1998. Outra figura marcante foi o carnavalesco Fernando Pamplona, que comentava os desfiles de forma bastante rigorosa, ficando conhecido por ser bastante exigente e um grande crítico do carnaval moderno. Entre as falas mais famosas de Pamplona está a forma como classificou o samba da União da Ilha de 1989. O famoso *Festa Profana*, um dos mais conhecidos do público em geral, foi taxado por Pamplona como "uma marchinha safada".

Outro grande momento da cobertura da *Manchete*, também tendo Pamplona como protagonista, foi na transmissão do desfile das campeãs do mesmo ano, 1989. Durante a apresentação da Beija-Flor, vice-campeã daquele ano, os integrantes começaram a retirar, no meio da Sapucaí, o plástico preto que encobria a famosa alegoria do Cristo Redentor vestido de mendigo, proibida pela justiça de ser exibida por se tratar de um símbolo religioso. O desfile das campeãs não valia pontos, o que acabou motivando a atitude dos componentes, para desespero dos diretores da escola, que poderia acabar punida financeiramente, e delírio das arquibancadas e de Pamplona, que declarou:

Este é um momento glorioso, glorioso, glorioso, gente! Acompanhem o povo em êxtase. Vocês jamais vão ver um espetáculo tão bonito, gente. Entre agora a polícia. Entre agora essa justiça fajuta. Entrem agora no meio do povo se tiverem coragem (PAMPLONA, 1989).¹⁰

Depois da vitória sobre a *Globo* em 1984, a *Manchete* não conseguiu mais ultrapassar a concorrente na audiência, porém registrava médias antes atingidas apenas pela poderosa rival. Rubens Furtado, diretor de programação da emissora na época, dizia que "Carnaval não dava lucro, mas trazia prestígio". E a *Manchete* conseguiu o respeito do público, principalmente dos mais apaixonados por Carnaval, que viam nas transmissões da *Manchete* uma programação feita especialmente para si, algo que nenhum outro canal fez antes ou depois.

Muitas das inovações vistas hoje na cobertura dos desfiles foram implementadas primeiro pela *Manchete*, como a utilização de câmeras robôs no alto das arquibancadas e do helicóptero para imagens aéreas da avenida. Em 1994, a falta de verba fez com que a emissora não transmitisse os desfiles, se restringindo a cobrir o Carnaval pelo país. Mas voltou com

¹⁰ O vídeo do desfile da Beija-Flor pode ser assistido no seguinte link do Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=SVdxdM-fUnk> (Acessado em 25 de novembro de 2013). A descoberta da escultura do Cristo e a declaração de Pamplona acontecem a partir dos 23 minutos e 25 segundos do vídeo.

força total em 1995, se expandindo até São Paulo dois anos depois, exibindo pela primeira vez os desfiles das agremiações paulistanas.

Apesar disso, o promissor desenvolvimento das coberturas de Carnaval pela *Manchete* foi novamente interrompido em 1999, devido à crise iniciada no ano anterior, que culminou com o fim da emissora. Além da perda das transmissões com qualidade de conteúdo, a ausência da *Manchete* ou outra emissora na concorrência faz com que, naturalmente, a *Globo*, desde então soberana do Carnaval, se acomode e conduza a cobertura da forma como bem entender.

3.3 A Controversa Cobertura da Rede Globo

*Quando a emoção chegar, a saudade vai bater
Juntos na mesma frequência
Um show de audiência vamos reviver
Espelho refletindo cada um de nós
Por isso, solte a sua voz, hoje o artista é você*

*Clareou, a gente vai se ver de novo
Clareou, de azul e branco nos braços do povo¹¹*

Inaugurada em 1965, durante a ditadura militar no Brasil, a *Rede Globo* é a maior emissora do país e uma das mais importantes do mundo. De acordo com Mattos, a emissora foi beneficiada pelo modelo político em vigência:

Ironicamente, o desenvolvimento da televisão, principalmente da TV Globo, aconteceu durante esse período de maior restrição governamental. Além do controle através das concessões de licenças e da censura, o governo fazia recomendações diretas e indiretas a respeito do conteúdo dos programas (MATTOS, 2002, p. 92).

A emissora se transformou rapidamente na mais popular do país, substituindo a *TV Tupi*, valendo-se de programas voltados para classes mais baixas, o que lhe garantia enorme audiência. Seguindo esta tendência, a emissora passou também a se dedicar ao desfile das escolas de samba, que era uma demanda de seus telespectadores. Se não possuíam tanto diferencial, as transmissões não tinham grandes problemas no período em que a *Globo* enfrentou a concorrência da *Manchete*. No entanto, quando se viu sozinha no cenário, começou a direcionar sua cobertura da forma como lhe fosse mais vantajoso de um ponto de

¹¹ "O astro iluminado da comunicação brasileira" - Compositores: Sidney de Pilares, JR Beija-Flor, Junior Trindade, Adilson Brandão, Zé Carlos e Diogo Rosa - Samba-enredo da Beija-Flor para o Carnaval de 2014

vista comercial, sem levar em conta a essência verdadeira da festa. Chega ao ponto de influenciar diretamente na organização dos desfiles, como na decisão do início das apresentações de acordo com o que é mais conveniente para sua programação. O jornalista Eliakim Araújo, que já foi âncora dos *Jornais da Globo, da Manchete e do SBT*, comenta esta influência:

Até pouco tempo, duas emissoras transmitiam a festa no Sambódromo. Hoje a exclusividade é da Globo, que determina até o início do horário de transmissão, de acordo com a conveniência de sua programação. Com isso, não há uma disputa pela escolha das melhores imagens. O telespectador só toma conhecimento das 'celebridades' globais que desfilaram. Se alguém de outra emissora desfilou, ninguém sabe, ninguém viu. Sem contar a preferência pelas imagens de mulheres nuas e saradas, também com corpos iguais, como se saíssem da mesma academia de ginástica. Pessoal da comunidade... Bem, só quando é alguém com história curiosa para contar [...] (ARAÚJO, 2004)¹².

O destaque às celebridades incomoda não só durante a passagem das escolas, mas também nos intervalos. Ao final do desfile de uma escola, em vez de mostrar a preparação para a entrada da seguinte, ou mesmo o "esquenta"¹³, a transmissão se dedica a entrevistar artistas presentes nos camarotes. Pessoas que estão na Sapucaí muito mais pelo social do que para assistir ao desfile, que concedem entrevistas carentes de informações relevantes.

O despreparo dos repórteres e comentaristas responsáveis pela narração dos desfiles também é gritante e piora a cada ano. Durante a transmissão da primeira escola a desfilou pela Série A de 2013, a Unidos do Jacarezinho, o repórter Fábio Júdice passou por uma "saia justa" ao vivo. Enquanto a escola estava desfilando, tentou entrevistar uma componente da Ala das Baianas, perguntando o que ela achava do enredo. Ouviu a senhora dizer "agora não posso", e seguir adiante¹⁴. Uma intervenção como essa pode causar penalização à escola se ocorrer em frente à cabine dos jurados, já que o componente precisa parar de evoluir e cantar para atender ao jornalista. Algo completamente inadequado e desrespeitoso, mostrando desconhecimento e falta de consideração ao trabalho das agremiações.

Outra grande reclamação da maioria do público que acompanha o desfile pela TV é a demora no início da narração "ala a ala", ou seja, a explicação sequencial do que a escola está

¹² Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-082.htm>. (acessado em 30 de outubro de 2013).

¹³ É o aquecimento para o desfile, quando a bateria começa a tocar e os instrumentos de corda são afinados. Também são cantados sambas antigos ou de exaltação das escolas, além da execução do grito de guerra.

¹⁴ O vídeo com a transmissão do desfile pode ser assistido através do seguinte link do Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=3p7I1jxwDZs> (acessado em 25 de novembro de 2013). O fato citado no texto acontece a partir dos 16 minutos e 36 segundos do vídeo

apresentando, dando o significado das fantasias e alegorias a medida em que passam na Sapucaí. Tradicionalmente, a *Globo* só começa esta parte da transmissão quando a Comissão de Frente da escola chega ao meio da Sapucaí, o que sempre acontece com cerca de 30 minutos de desfile. O jornalista Raphael Perret fala sobre este assunto:

Os locutores [...] só informam as alas, as fantasias e os carros alegóricos quando a escola chega a um determinado ponto da Marquês de Sapucaí, o que leva cerca de meia hora. Até lá, as imagens se repetem: comissão de frente, carro abre-alas e o início do desfile não cansam de ser mostrados pelas câmeras. Por maior que seja a empolgação do telespectador, isso enfastia. Ainda mais às 3 da manhã. Não seria melhor começar a transmissão das informações logo no início do desfile? Assim, quando o último folião atravessasse o portão de entrada da Marquês de Sapucaí, as explicações já foram dadas pelos locutores e os comentaristas, muito bons, mas que hoje só podem falar quando convocados, poderiam entrar em cena e dar suas opiniões e debater a participação da escola, que ainda teria uns 20 minutos para encerrar sua passagem na avenida. Ainda sobraria tempo para as reportagens na dispersão e na concentração da escola seguinte (PERRET, 2005)¹⁵.

Outro fator que acaba influenciando diretamente na veiculação da informação durante a transmissão é a localização das cabines onde fica a equipe da *Globo*. Os apresentadores ficam no início do Sambódromo, na esquina entre a Avenida Presidente Vargas e a Marquês de Sapucaí, ou seja, de frente para a concentração das escolas. Os comentaristas ficam embaixo do Arco da Apoteose, de frente para a dispersão. Ou seja, nenhuma das pessoas que narram e comentam os desfiles estão presentes na pista vendo a passagem da escola, se baseando apenas nas imagens que a própria emissora gera. Há três anos, essa é a logística da *Globo*, que antes deixava seus âncoras em uma cabine suspensa na metade da Sapucaí e os comentaristas em um camarote, proporcionando muito mais conteúdo para a transmissão, já que além da imagem da televisão, assistiam à escola. O próprio diretor Boninho, responsável pela transmissão em 2011¹⁶, disse que os comentários devem ser realmente baseados naquilo que a emissora está exibindo. Então, não faz diferença se os comentaristas estão na Sapucaí ou em um estúdio.

A caracterização da Sapucaí por parte da emissora, visando garantir boas imagens, também prejudica desfilantes e espectadores in loco. Uma das mais contraditórias intervenções da *Globo* é a construção de estruturas metálicas que sustentam holofotes,

¹⁵ Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-154.htm>. (acessado em 30 de outubro de 2013)

¹⁶ Matéria do portal SRZD-Carnaval com o diretor Boninho, publicada em 22 de fevereiro de 2011, onde ele fala sobre as mudanças na transmissão para aquele Carnaval, que vigoram até hoje: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/122165> (acessado em 25 de novembro de 2013)

semelhantes aos usados em shows, no recuo da bateria, entre os setores 9 e 11. Apesar da iluminação favorecer a filmagem, deixando a bateria colorida e cheia de efeitos, as armações metálicas atrapalham a visão do público que está na arquibancada ao lado, desvalorizando o local ao não permitir a completa da visão da escola se aproximando. Além disso, no chão da área do recuo, é construída uma rampa para os ritmistas que em nada ajuda sua performance, pelo contrário. Os ritmistas ficam cerca de 25 minutos parados em cima da rampa, o que causa desgaste e desconforto, já que se trata de uma superfície inclinada.

Artifício tradicional, porém cada vez mais desnecessário é a "Nota do Internauta", quadro da transmissão onde os espectadores podem avaliar cada agremiação e dar notas para os quesitos, sendo a média de cada escola exibida ao final de sua passagem no Sambódromo. Até pouco tempo atrás, a votação era feita por telefone, o que diminuía e, conseqüentemente, selecionava os votantes. Com a possibilidade da avaliação pela Internet, o resultado ficou cada vez menos compatível com a realidade. Não é incomum que as torcidas das escolas se mobilizem para garantir que a sua escola fique na frente e/ou garantir notas baixas para as rivais. Um tempo de transmissão que poderia ser muito bem utilizado para trazer mais conteúdo e informação. A gravação com o carnavalesco explicando um pouco sobre o desenvolvimento do enredo, por exemplo, que sempre é exibido durante o início do desfile, fazendo com que se perca as primeiras imagens da escola na avenida, poderia ser exibido neste momento.

Mas apesar de todos os problemas mencionados, talvez o que mais incomode o público que conhece e se interessa pelas escolas de samba seja a completa imparcialidade com que os desfiles são transmitidos. Pode parecer estranho cobrar parcialidade no jornalismo, mas neste caso é pertinente, pois o desfile das escolas de samba é, essencialmente, um concurso. Sendo assim, para que haja uma campeã, é preciso que uma escola seja melhor que as outras. Portanto, escolas cometem erros, e estes erros precisam ser comentados. No entanto, ao longo dos anos a cobertura da Globo parece querer maquiagem cada vez mais os defeitos. Neste ano, a Porto da Pedra, escola que desfilou pela Série A, teve um problema com uma de suas alegorias, que travou no meio da Sapucaí, fazendo com que as alas posteriores tivessem que passar por suas laterais e causando um buraco no desfile. A *Globo* não mostrou toda esta situação, mas acabou "flagrando-a" quase que sem querer durante uma filmagem da câmera panorâmica. Sequer deu algum tipo de explicação. O espectador que assistia pela TV

teve que contentar com um mero "isso é problema, heim", dito pelo carnavalesco Milton Cunha, que participava da transmissão como comentarista¹⁷.

Uma das formas mais fáceis de evidenciar a falha cobertura da Rede Globo no desfile das agremiações cariocas é quando se compara com a do carnaval de São Paulo. A transmissão dos desfiles paulistanos é mais "limpa"; não há interrupções com entrevistas em camarotes ou outras futilidades, o foco é totalmente no desfile. Os esquentas e o final do desfile, com a comemoração dos integrantes ao finalizarem a apresentação, são sempre exibidos. Os comentaristas também são mais capacitados e dão informações mais relevantes. Uma transmissão muito mais agradável para os amantes da festa, sem tanto apelo comercial¹⁸.

Os desfiles de São Paulo, no entanto, não são mais exibidos para o Rio de Janeiro, que agora assiste aos desfiles do grupo de Acesso. Algo que sempre foi pedido pelo público, mas que ainda precisa de aprimoramento. Principalmente na questão relativa ao horário do início da transmissão. Em 2013, as três primeiras escolas de cada noite só foram exibidas em um compacto, ao final de cada transmissão. Isto porque a Globo preferiu iniciar a cobertura ao vivo a partir da quarta escola, para não prejudicar sua grade de programação¹⁹.

¹⁷ O vídeo com a transmissão completa do desfile pode ser acessado através do seguinte link do Youtube: http://www.youtube.com/watch?v=_sMaoHzkiYA (acessado em 25 de novembro de 2013). O momento em que acontece o "flagra" da alegoria com problemas, tendo que passar por entre as alas e causando um buraco no desfile da escola, pode ser visto a partir dos 20 minutos e 10 segundos do vídeo.

¹⁸ Neste canal do Youtube é possível encontrar diversos vídeos com as transmissões, na íntegra, dos desfiles das escolas de samba de São Paulo, que comprovam as afirmações feitas no texto: <http://www.youtube.com/user/JulianoRossi3l> (acessado em 25 de novembro de 2013)

¹⁹ Neste canal do Youtube é possível encontrar diversos vídeos com as transmissões, na íntegra, dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro em diversos anos, que comprovam as afirmações feitas ao longo do capítulo: <http://www.youtube.com/user/JupiterR> (acessado em 25 de novembro de 2013)

4 - INTERNET

A partir da expressão “*interaction or interconnection between computer networks*” surgiu o termo “*internet*”, em 1969, como mecanismo de defesa do governo norte-americano, servindo para comunicação emergencial em caso de ataque. Ganhou novas funcionalidades nos anos 80, quando se desvinculou do caráter militar. Em 1989 foi criada a *World Wide Web* (WWW), e no ano seguinte, a Internet configurada como conhecemos hoje, ainda que em proporções modestas e precárias. A abertura da Internet comercial no Brasil aconteceu em 1995. Nos Estados Unidos os portais surgiram a partir da evolução dos sites de busca, mas no Brasil seu desenvolvimento se deu dentro de empresas jornalísticas (Maciel, 2007).

Em menos de 30 anos a Internet alcançou resultados incríveis, evoluindo de forma extremamente rápida e se tornando um instrumento cotidiano da população mundial, sendo fundamental para o funcionamento de quase toda forma de trabalho. O jornalismo é, hoje, impensável sem a participação da Internet, assim como também não é mais possível acompanhar as escolas de samba profundamente se não for através do computador.

A história da cobertura jornalística do Carnaval é recente, começou em meados da década de 2000. Mas já se mostrou essencial, sendo o principal espaço do qual as escolas dispõem na mídia ao longo de todo o ano, não só no período próximo ao Carnaval. É através dos sites especializados que são divulgadas as sinopses, eventos, notícias, sambas concorrentes e todo o tipo de novidade sobre as agremiações. Uma exposição nunca antes vista, até então, da rotina e trabalho das escolas quando não estão em evidência.

E as possibilidades que a Internet proporciona são cada vez maiores. Através dos webrádios, a cobertura é feita em tempo real, com o público podendo, de sua casa, escutar o áudio das quadras ou da Sapucaí pelo computador, contando com comentários e avaliações feitas por jornalistas que entendem do tema e o tratam com seriedade e profundidade. Um resgate da figura do jornalista especializado, típica do tempo das crônicas.

A Internet trouxe, ainda, a implantação das redes sociais como forma totalmente nova e revolucionária de interação entre pessoas. Através delas, foi possível ampliar ainda mais a divulgação das notícias das escolas, bem como sua repercussão e discussão, promovidos nos grupos e comunidades virtuais, compostos pelo público alvo dos sites especializados: quem acompanha e integra as agremiações durante todo o ano. Tudo feito de forma informal, entre amigos, criando amizades e unindo pessoas com interesses em comum, levando o Carnaval a ser discutido da mesma forma que futebol ou política, com suas discordâncias, ironias e argumentações.

Este processo pode ser associado a outro resgate das antigas tradições carnavalescas da imprensa. O Carnaval se inseriu nos jornais pelas crônicas jocosas e satíricas, que debochavam e, ao mesmo tempo, faziam com o que a festa fizesse parte do dia-a-dia da sociedade. Entre "curtidas" e "compartilhamentos"²⁰, é este o espírito que as comunidades virtuais proporcionam, unindo quem realmente gosta das escolas de samba e tem interesse em colaborar com a festa, sem interesses financeiros. E são estas comunidades que podem, em um futuro próximo, ser protagonistas dos próximos capítulos da história da imprensa carnavalesca.

4.1 Os Sites Especializados

*Nasceu de uma guerra fria
A internet que o universo conquistou
É www.com.br
Assim que eu acessei o meu primeiro amor
O mundo ao alcance das mãos
No mouse cliquei sua sedução
Correio eletrônico ou amor virtual
Vou navegar na era digital²¹*

A cobertura do Carnaval feita pelos sites especializados é a única que se dedica diariamente, durante todos os dias do ano, a buscar informações sobre as escolas de samba. Este tipo de veículo começou a ganhar força por volta da metade da década de 2000, ajudado pela progressiva facilidade de acesso à Internet por cada vez mais camadas da população, tornando o computador objeto de fácil acesso e obtenção. Cada vez mais ganham espaço e se aprimoram, tornando-se ferramentas primordiais de divulgação das agremiações.

Entre os portais de Internet, os principais são o *Carnavalesco*, o *SZRD-Carnaval*, o *O Dia na Folia* e o *Galeria do Samba*. Com exceção do *Galeria*, nenhum dos outros é independente; são editorias dos sites do *O Terminal*, *SRZD* e *O Dia*, respectivamente. A coluna *Roda de Samba*, do *Jornal Extra*, também vem ganhando espaço nesse meio, auxiliada pelo jornal *O Globo* e também lhe servindo informações. Há ainda alguns outros sites menores, mas que não possuem o mesmo dinamismo de informação.

²⁰ Expressões características da rede social Facebook, onde o usuário pode curtir, mostrando que concorda ou aprova, e compartilhar o conteúdo postado por outros.

²¹ "www.canariosdalaranjeiras.com.br" - Compositores: Fernando de Lima, Di Pereira, Fernandão e Fabiano Costa - Samba-enredo da Canários de Laranjeiras para o Carnaval de 2007

Grande parte da atual equipe que compõe o site *Carnavalesco* era a do *SRZD-Carnaval* há três anos, quando o portal ainda se chamava *SRZD-Carnavalesco*. No final de 2010, houve a separação. Antes referência no jornalismo carnavalesco, a editoria de Sidney Rezende acabou perdendo força, precisando recomeçar do zero e formar uma nova equipe. Ainda hoje, o nível da cobertura não é o mesmo, tendo o atual *Carnavalesco* predomínio no setor.

Existe ainda uma grande quantidade de sites sem caráter informativo que são muito acessados por quem busca, principalmente, um conteúdo mais histórico. O *Sambario*, o *Academia do Samba* e o *Samba de Raiz* são os mais relevantes nesta área, possuindo um enorme acervo sobre os desfiles, com destaque para os sambas de enredo. É possível encontrar praticamente todo o acervo musical das escolas nestes portais.

Para se aproximar mais dos leitores, os sites são cada vez mais participativos nas redes sociais, sobretudo *Twitter* e *Facebook*, algumas das mais populares e utilizadas atualmente²². Através delas, também conseguem dar notícias mais rapidamente, em tempo real, o que dinamiza a concorrência pelo "furo". Porém, este "troféu" do jornalismo pode se tornar uma armadilha deste tipo específico de cobertura.

O caso mais recente ocorreu durante a cobertura da escolha de samba do Império Serrano para o Carnaval de 2013. Antes do anúncio do resultado, que seria conhecido no palco da escola, com a leitura de todos os votos, o jornalista que fazia a cobertura online para o *SRZD-Carnaval* postou o nome dos compositores vencedores. A notícia foi apagada em seguida, mas o fato se agravou pelo resultado divulgado precipitadamente realmente ter se confirmado, o que acabou gerando certa polêmica e mal estar, colocando em xeque a credibilidade da escola ou do site.

As especulações sobre a entrada e saída de integrantes, também características marcantes dos sites carnavalescos, são outra fonte de aborrecimentos para as escolas. Ainda mais no período posterior aos desfiles, onde a escassez de notícias e pautas faz com que os jornalistas corram atrás de informações e criem situações a partir de qualquer comentário que ouçam. O desgaste que isto causa aos profissionais nem sempre compensa o risco, já que, na maioria das vezes, os boatos não se concretizam e ainda deixam um clima ruim entre veículos e agremiações. Sem falar em possíveis prejuízos às negociações, sobretudo no Carnaval atual,

²² O Facebook foi o site mais visitado no mundo em 2012, de acordo com dados da ComScore. Disponível em <http://www.tecmundo.com.br/internet/36438-conheca-os-20-sites-mais-acessados-do-mundo-em-2012.htm> (acesso em 26 de novembro de 2013)

onde cada vez mais empresas têm investido e patrocinado os desfiles. Informações erradas ou apressadas podem afetar o processo.

De certa forma, a questão da ética no jornalismo carnavalesco é um pouco mais complicada do que na imprensa convencional. Muito do conteúdo veiculado esbarra em questões éticas para existir, do contrário seria muito superficial e não atenderia ao público específico. Com a evolução da Internet e avanço da tecnologia, é cada vez mais difícil para as escolas de samba preservarem seus segredos para o desfile. E as notícias que mais chamam atenção são sempre aquelas que revelam informações que as escolas pretendem esconder.

Estes são riscos que os sites especializados correm ao buscar uma cobertura contínua e aprofundada, que, por mais que contenha falhas, é essencial para a manutenção do vínculo entre as escolas e seu público mais fiel. E conseguem agregar muita informação sobre o Carnaval, para todos os tipos de gostos e necessidades dos leitores. Marco Maciel (2007) fez uma lista das principais características e tipos de conteúdo dos portais, grande parte sendo exclusiva deste tipo de veículo.

Um dos principais fatores do desenvolvimento e popularização deste tipo de imprensa foi através da divulgação dos sambas concorrentes durante o período de eliminatórias nas escolas, que ocorre, geralmente, entre julho e outubro nas grandes agremiações. Até os anos 90, as disputas eram restritas às comunidades. Os concorrentes não ganhavam proporção, sendo conhecidos apenas por quem frequentava as quadras. Com sua disponibilização através dos sites, as disputas começaram a atrair mais o interesse do público e se tornar uma das épocas mais charmosas do período pré-Carnaval. Maciel explica como se dá a disputa:

Todas as escolas promovem concursos entre seus compositores para determinar qual samba-enredo será a trilha sonora oficial do desfile no Sambódromo. Em cada agremiação, são dezenas de sambas concorrentes que compõem as eliminatórias de samba-enredo e os chamados 'cortes' de samba. Dependendo do critério de cada escola, há a divisão por etapas e, em cada uma, pode haver um grande ou pequeno número de desclassificações – a cada etapa, os sambas são defendidos ao vivo nas quadras –, até sobrar poucas parcerias para disputar a final de samba-enredo, de onde apenas um se credenciará a ser o oficial da agremiação – há casos em que fusões entre parcerias ocorrem (MACIEL, 2007, p.49).

O período de divulgação dos concorrentes gera grande número de acessos aos sites, que ainda são divulgados pelos próprios compositores concorrentes e suas torcidas, que espalham por todas as redes sociais os *links* dos áudios de seus sambas. E as próprias escolas

se beneficiam, já que, ao ouvirem e escolherem seu samba preferido para torcer, o público se interessa mais em ir até as quadras e acompanhar todo o processo.

Os fóruns de discussão também estão presentes em alguns sites, sendo o *Espaço Aberto*, do site *Galeria do Samba*, o mais popular deles. São similares aos fóruns presentes nas comunidades do *Orkut*²³, onde um membro publica um tópico sobre um tema específico e os demais participantes respondem sucessivamente. O *Espaço Aberto* se tornou popular por ter como membros diversos integrantes conhecidos das escolas, como diretores, compositores e intérpretes, dando ao público a oportunidade de debater com eles os assuntos sobre as agremiações. Também é responsável por gerar polêmicas, já que sempre surgem críticas e boatos que nem sempre são bem recebidos e acabam ganhando proporção.

O comércio de fantasias é outra necessidade das escolas facilitada pelos sites. Através deles, as escolas tem possibilidade de maior divulgação de seu produto, fazendo com que mais pessoas saibam como fazer para desfilar. Ainda que as alas comerciais sejam bem restritas na maioria das escolas e que as fantasias sejam caras, sempre há interessados que nem sempre sabem como fazer para adquiri-las.

As sinopses dos enredos também passaram a ser conhecidas pelo grande público através dos sites, como muito bem explica Maciel:

A sinopse é um texto elaborado pelo carnavalesco que apresenta o tema-enredo da escola e mostra como ele será desenvolvido no desfile, além de descrever detalhes e a divisão de etapas. Essa sinopse, quando pronta, é repassada aos compositores para que, baseados nas informações contidas no texto, façam o samba-enredo que concorrerá nas eliminatórias. Os sites de carnaval e das próprias escolas disponibilizam as sinopses na íntegra para que o aficionado saiba o que exatamente sua escola apresentará no desfile (MACIEL, 2007, p.50).

Alguns sites possuem um arquivo extenso e precioso sobre os desfiles, um verdadeiro tesouro para os apaixonados pelas escolas, que buscam conhecer mais sobre o passado do carnaval. Sambas, fotos, vídeos, história e fichas técnicas das escolas podem ser encontrados em determinados portais, inclusive para *download*. Um material nunca antes tão acessível ao público e que somente através da Internet conseguiu ser compartilhado.

As colunas e blogs são outros elementos presentes nos sites que sempre tem muitos acessos, por conter opiniões críticas e analíticas que o público tanto sente falta na grande mídia. Assinados por compositores, diretores, carnavalescos, jornalistas ou pesquisadores, os

²³ Rede social similar ao Facebook, que possuía mais relevância até início da década de 2010, quando acabou sendo substituído pelo concorrente na preferência da maioria das pessoas.

textos publicados sempre repercutem nos fóruns e comunidades virtuais, que serão analisadas mais profundamente a seguir, gerando debates e reflexões sobre o Carnaval.

4.2 Webrádios: Cobertura Heroica

*A Rádio Nacional
Está presente neste carnaval
E vem contar a sua história
Quatro décadas de glória
Descrita de maneira genial
Divino é recordar
Seu auditório cheio de alegria*

*Animado por Cezar de Alencar
Outrora campeão da simpatia²⁴*

Recentemente, a partir da década de 2010, se popularizou entre o público especializado de Carnaval uma nova forma de cobertura, que o aproxima ainda mais das escolas: as webrádios. São canais de rádio que podem ser ouvidos através da Internet, seja pelos próprios sites de cada uma ou por programas de áudio. O grande atrativo deste tipo de veículo é a possibilidade de acompanhar ao vivo, através de áudio, eventos nas quadras, algo até então inédito e pouco explorado. Os principais eventos transmitidos pelas webrádios são as escolhas de samba-enredo.

A final do concurso de cada escola é sempre um dos momentos mais aguardados pelos sambistas. Muitos não podem comparecer, seja pela localidade das quadras ou pelos dias em que acontecem. As webrádios são a melhor opção para acompanhar todos os detalhes da festa: apresentação de sambas antigos da agremiação, apresentação de todos os concorrentes e anúncio do resultado final. Vivencia-se o "clima" da quadra de uma forma que nenhum site conseguiria transmitir em textos.

O torcedor, que muitas vezes mora ou está longe do Rio de Janeiro, tem condições de sentir a bateria tocando, ouvir a escola cantando e ainda ter informações e comentários sobre assuntos que são corriqueiros para quem acompanha de perto este mundo, mas que nunca chegariam até esta pessoa pela grande mídia, que só se interessa por carnaval a partir de janeiro e dedica quase todo o seu foco à cobertura das celebridades (BALTAR, 2013)²⁵.

²⁴ "Alô! Alô! Brasil, quarenta anos de Rádio Nacional" - Compositor: Dominginhos do Estácio - Samba-enredo da Unidos de São Carlos para o Carnaval de 1977

²⁵ Entrevista concedida ao autor.

Além das quadras, as webrádios também se fazem presentes no Sambódromo, durante a temporada de ensaios técnicos e nos desfiles. No entanto, é durante os ensaios que ganham mais destaque. Nos dias de desfiles oficiais, a liberdade de atuação é bem restrita, refém da burocracia e divisão de interesses com emissoras maiores. Durante os ensaios, que acontecem sempre nos finais de semana de dezembro e janeiro ou janeiro e fevereiro, dependendo da data do Carnaval, os jornalistas podem circular mais livremente pela Sapucaí e fazer uma transmissão mais abrangente.

Vale lembrar que muitas webrádios não adquirem nenhum retorno financeiro pelo seu trabalho. São feitas por jornalistas amantes do Carnaval, assim como seu público alvo. Muitas vezes, tem mais prejuízos que lucros ao realizarem as transmissões, mas continuam pelo amor ao samba e por acreditarem em uma forma de cobertura diferente da feita pelos grandes veículos. Isto faz com que os comentários e análises feitas ao longo das coberturas sejam sempre pertinentes e enriquecedores, já que ficam a cargo de gente que realmente conhece e sabe do que está falando.

Entre as webrádios existentes e conhecidas do público, três se destacam e compartilham a maior audiência, cada uma por suas qualidades e características próprias: a *Tupi Carnaval Total*, a *Rádio Arquibancada* e a *Rádio Ação*. A *Tupi Carnaval Total*, como o nome sugere, pertence à *Rádio Tupi*, e é administrada por jornalistas da mesma. A *Tupi* sempre foi uma das emissoras que mais deu atenção às escolas de samba, desenvolvendo a webrádio para proporcionar um canal específico ao público e poder fazer uma cobertura mais completa, sem abandonar a programação normal. Surgiu para a cobertura dos ensaios técnicos, saindo do ar ao final destes. Por sugestão do jornalista Eugênio Leal, criador e principal âncora da webrádio, foi criada uma programação para o dia-a-dia.

A *Rádio Arquibancada* foi criada a partir do desejo dos jornalistas Chico Frota e Anderson Baltar de fazer uma cobertura mais crítica. Baltar conta que ambos tiveram outras experiências antes, em emissoras de rádio e em webrádios pertencentes a outros portais. Mas que a forma como conduziam a cobertura nem sempre agradava, o que os levou a investirem no próprio projeto:

No final de 2010, o Chico foi convidado para criar a Rádio Papo de Samba, no site do mesmo nome, e me chamou para tocar o projeto ao seu lado. Fizemos todos os ensaios técnicos do Carnaval 2011. Durante o carnaval, eu trabalhei na Rádio Tupi e, sem credenciamento, o Chico transmitiu, ao lado do Alex Vinicius, o carnaval da Intendente Magalhães. Fizemos as apurações do Grupo Especial e Acesso, mas o nosso estilo de comentário,

com um tom crítico, desagradou a dona do site, que tirou a rádio do ar na quinta-feira depois do carnaval. Após este episódio, resolvemos criar uma rádio só nossa, para fazermos a cobertura de Carnaval da forma que sempre acreditamos (BALTAR, 2013).

Desde então, a *Rádio Arquibancada* se destaca por cobrir os principais eventos do mundo do samba. Além das escolhas de samba-enredo, ensaios e desfiles, também estão presentes nos sorteios da ordem dos desfiles, lançamentos dos CD's com os sambas e apuração das notas dos desfiles. Os recursos da rádio crescem cada vez mais e aos poucos ela vai se firmando como uma das principais referências na área. De acordo com Baltar, na apuração do carnaval de 2013 a rádio passou de 10 mil acessos e foi *trending topic*²⁶ do Brasil no *Twitter*²⁷.

A *Rádio Ação* é mais antiga. Foi criada em 2001, pelo desejo do jornalista Paulinho Carioca de ter uma rádio com um conceito próprio. A *Rádio Ação* também pode ser acessada pela frequência 98,5 FM em aparelhos normais, além da Internet. Sempre presente nos principais eventos envolvendo as escolas de samba, se diferencia por realizar, além do áudio, coberturas com imagens via webcam. Assim, além do som, os ouvintes podem acompanhar as imagens das quadras e dos ensaios.

Apesar de se esforçarem para realizar coberturas com cada vez mais qualidade e recursos, a força de vontade dos jornalistas muitas vezes esbarra em dificuldades técnicas que prejudicam seus trabalhos. Os jornalistas responsáveis pela *Tupi Carnaval Total*, *Arquibancada* e *Ação* relatam os mesmos empecilhos: dependência da Internet e falta de estrutura das quadras. Em muitos casos, o modem com 3G ou 4G é a única opção para acessar a rede dentro das quadras. Segundo Eugênio Leal, as transmissões são feitas "no improviso". Para Baltar, "as escolas ainda acham que o pessoal da imprensa está nas quadras para curtir camarote e comer e beber de graça".

As principais dificuldades são de infraestrutura. Muitas escolas de samba ainda não entenderam a importância de atender bem à imprensa. Os locais destinados são apertados, com poucas mesas e, em muitos casos, sem tomadas nas proximidades. Desta forma, somos obrigados a puxar energia de outros órgãos de imprensa e um esbarrão na extensão pode nos tirar do ar. Outra coisa complicada é a questão da internet. Usamos modem 4G nas transmissões, mas em ambientes muito lotados a internet móvel não funciona

²⁶ Os trending topics são uma lista das palavras e expressões mais utilizadas pelos usuários do Twitter no momento em determinada cidade, país ou no mundo.

²⁷ Rede social que funciona como microblog, onde os usuários postam mensagens com, no máximo, 140 caracteres.

bem. Neste ano, só conseguimos entrar no ar na final de samba do Salgueiro às 3h da manhã, quando a conexão ficou minimamente estável. (BALTAR, 2013).

Ainda assim, o sentimento comum a todos é de muita satisfação e perseverança. Paulinho Carioca define como "super positiva" a contribuição jornalística feita pelas webrádios: "São todos guerreiros, que utilizam de seus próprios recursos financeiros simplesmente por amor ao rádio". Eugênio Leal classifica como "heroica" a cobertura das emissoras: "As escolas e entidades em geral não estão preocupadas em facilitar a vida desses veículos. Quem faz, faz por amor". Anderson Baltar destaca que "as webrádios [...] trazem a informação para um importante segmento de público, que até existir a Internet, vivia garimpando pouquíssimas notícias na grande mídia".

4.3 As Redes Sociais e as Comunidades Virtuais

*Vou navegar e pesquisar
Quero acessar e aprender
Eu vou ter prazer
Em viajar com você
Nova mania mundial
Agora tudo é digital
É chat, é blog
Tudo em tempo real*

*Eu vou entrar no seu Orkut
Mesmo distante vou te tocar
Num bate-papo, um sentimento
A um casamento vai te levar²⁸*

Na década de 00, justamente quando os sites e a Internet como um todo começaram a ganhar mais destaque na abordagem do Carnaval, as redes sociais também se popularizaram. A primeira a se destacar foi o *Orkut*, sendo precedida pelo *Facebook* no início da década de 2010, que até hoje é a mais relevante no cenário nacional e mundial. As redes sociais trouxeram uma ferramenta fundamental na condução da imprensa via Internet: as comunidades virtuais. Presentes em todas as redes sociais, as comunidades ou grupos tem como função reunir usuários que tenham algo em comum e possam debater sobre o assunto, além de conhecer outras pessoas²⁹. Maciel define o que são as comunidades virtuais:

²⁸ "Jacarezinho.com.br" - Compositores: Anderson Bala, Flávio Diogo, Mauro de Paula e Tuninho da Fé - Samba-enredo da Unidos do Jacarezinho para o Carnaval de 2010

²⁹ As informações presentes no capítulo sobre funcionamento e dinâmica de convivência nas redes sociais foram colhidas em anos de experiência nos grupos, desde a época do Orkut até o Facebook.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. São existentes milhares dessas comunidades no mundo, bem como sites de conteúdos específicos, abrangendo todo o espectro da comunicação humana, reunindo interessados em esportes, entretenimento, política, comércio, saúde, sexo, jogos, raça, etc (MACIEL, 2007, p.27).

Existem nas redes sociais inúmeras comunidades relacionadas às escolas de samba, sejam voltadas para temas gerais, como sambas de enredo ou os próprios desfiles, ou de escolas específicas, que reúnem seus torcedores. Nestes grupos, as notícias veiculadas nos sites especializados são sempre debatidas, o que faz com que este público seja o principal consumidor do conteúdo deste veículo. São feitos, diariamente, verdadeiros *clippings*³⁰ de notícias sobre o Carnaval em diferentes portais, especializados ou não. As notícias são publicadas, lidas e repercutidas através do computador, um universo a parte para o público carnavalesco, que não é tão extenso.

As comunidades virtuais são um grande ponto de encontro entre público, integrantes das escolas e jornalistas. Muitas pautas e novidades às vezes são divulgadas primeiro nestes grupos, que acabam tendo a mesma funcionalidade dos fóruns presentes em alguns sites. A diferença é que, por ser um espaço mais restrito, os participantes acabam criando laços mais estreitos e maior intimidade na relação com outros membros, sendo menos frequente a criação de polêmicas muito grandes envolvendo as escolas, ainda que haja discussões informais entre os participantes do grupo.

Cada tópico ou postagem acaba sendo como uma "mesa de bar", onde todos dão suas visões e opiniões de forma natural e sempre com respeito aos demais membros. É, provavelmente, o único espaço onde, ainda hoje em dia, o Carnaval seja tratado com o espírito jocoso e sarcástico das antigas crônicas presentes nos jornais, onde estabeleceu seu primeiro vínculo com a imprensa. No entanto, Maciel lembra que, nestes grupos, existem regras de convivência que precisam ser cumpridas:

[...]os participantes das comunidades virtuais desenvolvem uma forte moral social através de um conjunto de leis e normas que regem as relações de interatividade presentes nas conferências eletrônicas. Os ataques pessoais ou argumentações pejorativas para qualquer categoria de pessoas (nacionalidade, sexo, idade, profissão, etc) não são permitidas. Os que

³⁰ Seleção de notícias em jornais, revistas, sites e quaisquer meios de comunicação para reunir informações sobre um determinado assunto.

executam tais ações de forma repetida são excluídos pelos administradores de sistema a pedido dos organizadores das conferências eletrônicas. A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, pois é comum proferirem mensagens hostis àqueles que tenham infringido as regras morais do grupo. Por outro lado, afinidades, alianças intelectuais e amizades podem desenvolver-se nos grupos de discussão (MACIEL, 2007, p.28).

A informação nas comunidades virtuais é disseminada ainda mais rapidamente e mais livremente do que nos sites de notícias. Os membros não precisam se preocupar com a ética jornalística a que os sites, de certa forma, acabam se submetendo para não perder fontes ou informações futuras exclusivas. Ainda mais com a possível, porém não recomendável, criação de perfis falsos, os populares *fakes*³¹, qualquer novidade ou segredo sobre um desfile ou contratação de alguma agremiação, por exemplo, pode ser divulgada sem pudores ou consideração com a escola. É claro que nem toda informação merece credibilidade, mas também é verdade que, desta forma, muitas das informações divulgadas primeiro nas comunidades virtuais acabam se concretizando.

Com o tempo, as comunidades virtuais transformam-se em um verdadeiro arquivo de notícias e de informações em geral sobre as escolas de samba e o Carnaval, não sendo raro que se tornem a própria fonte de informação dos jornalistas. São também estes espaços as melhores fontes de consultas para saber se a cobertura feita pela Internet é satisfatória e o que pode ser melhorado. A relação próxima entre os veículos e seu público é valiosa e poderia ser melhor aproveitada se todos os jornalistas tivessem esta consciência, algo impensável para a cobertura da TV, por exemplo, distante e pouco preocupada com seu público e seu próprio conteúdo.

³¹ Perfis administrados por usuários que não querem se identificar, utilizando, então, nomes e imagens falsas.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do jornalismo carnavalesco sofreu diversas transformações e reviravoltas ao longo dos séculos. E continua se modificando. Felizmente, pode-se dizer que o futuro tem chances de ser melhor que o presente. A Internet ainda está apenas começando a mostrar suas possibilidades, mas já conseguiu reunir e mobilizar pessoas indignadas e interessadas em reverter o jogo de interesses no qual se transformou a cobertura do desfile das escolas de samba. Mas é impossível saber o que acontecerá daqui em diante, o que faz com que a pesquisa desta monografia não esteja encerrada e possa ser constantemente atualizada.

Observamos que a primeira abordagem do Carnaval pela imprensa foi através das crônicas, com caráter satírico e crítico, que incorporavam o verdadeiro espírito da festa, promovendo reflexão tanto mental quanto imagética da sociedade. O Carnaval nada mais era do que o povo rindo de si mesmo e evidenciando seus contrastes sociais. O surgimento das escolas de samba no cenário trouxe à tona a folia das mais baixas camadas da população, que, ano a ano, foram se popularizando, se "embranquecendo", e se tornando a maior representação popular do país. Como vimos, foi a imprensa que construiu os desfiles das escolas de samba. Esta é a questão primordial desta monografia, mostrar a profunda relação do jornalismo com o Carnaval, que vai muito além do veículo e seu objeto de cobertura.

Além de conhecer melhor este ramo tão inexplorado do jornalismo, evidenciamos a inversão de valores nesta relação, cumprindo, assim, o segundo objetivo proposto por esta pesquisa. Com o surgimento e rápida ascensão da televisão, esta logo se tornou a principal referência na cobertura dos desfiles, sendo a *Rede Globo* a única emissora que conseguiu se manter até hoje consolidada no cenário. Mas, cada vez mais, deturpa-se o real sentido do desfile das escolas de samba, fazendo com que sejam meramente um produto comercial que visa atrair o maior número de espectadores, sejam eles interessados ou não nas agremiações. Busca-se tornar a transmissão o mais confortável possível para quem não valoriza o real sentido do Carnaval, o que tem se refletido nas próprias escolas.

São cada vez mais frequentes símbolos da cultura *pop* nos desfiles, como filmes americanos e desenhos animados. Assim é mais fácil cair nas graças da imprensa e se aproximar do público leigo. Leigo porque não tem quem o informe, quem o eduque e oriente. Se continuar alienado, menos trabalhoso será para os atuais jornalistas "carnavalescos" (afinal podem ser especializados em muitas coisas, menos em Carnaval), que não precisam nem se dar ao trabalho de pesquisar sobre o enredo das escolas.

Mais show, mais espetáculo, menos samba, menos cultura. Esta é a lógica atual pregada, ainda que implicitamente, pela TV no que se refere a desfiles de escola de samba. Uma característica que se aprofundou cada vez mais desde que a *Manchete* saiu do ar, deixando a *Globo* sem concorrentes e com liberdade para reger os desfiles a bel-prazer. Uma transmissão cada vez mais preguiçosa e menos informativa, onde os comentaristas selecionados sequer conseguem falar sobre dados numéricos corretamente. Tudo é lindo, tudo é maravilhoso. Se alguma alegoria quebra, é só não filmar.

Mas enquanto o dinheiro e o desinteresse prevalecem na transmissão da TV, vimos, como foi dito, que a Internet tem sido o oásis do público especializado. A partir da Internet surgiram os sites e webrádios exclusivamente voltados para o Carnaval, que conseguem fazer uma cobertura crítica e profunda, como tanto pedem os sambistas e como era feito no início, pelos primeiros jornalistas carnavalescos. Além disso, temos nas comunidades virtuais organizações cada vez mais ativas de "oposição" aos atuais métodos de cobertura. Um sistema totalmente novo em um veículo também recente, que deixa o gancho para que os estudos sobre o jornalismo carnavalesco continuem.

Concluimos que a única alternativa, por enquanto, é esperar. Uma nova geração será responsável pelo jornalismo nos próximos anos, chegando ao comando com um nível de conhecimento tanto sobre o Carnaval quanto sobre o que é certo e errado que nenhuma outra antes possuiu. É difícil prever o que acontecerá daqui pra frente, mas há razões para ser otimista. O jornalismo carnavalesco ainda pode ser pouco conhecido, pouco interessante ao grande público, mas são estes jornalistas que podem mudar a opinião geral e levar o Carnaval a novas dimensões. Já fizeram isso antes, por que não fazer de novo?

Afinal, o desfile das escolas de samba surgiu na tentativa de promover algo novo que envolvesse o Carnaval. Havia interesse da imprensa, que se identificava, participava e vivenciava o Carnaval. Devem, agora, se reencontrar e reatar o laço que se perdeu. Os jornalistas têm em suas mãos poder de fazer muitas coisas, basta ter iniciativa e vontade. O jornalismo representa muito mais do que o simples ato de narrar fatos. É a ponte entre pessoas, entre cidades, países, entre as ideias e sua concretização. É preciso inovar, renovar. Os jornalistas inventaram o desfile das escolas de samba. É hora de reinventá-lo.

*Vejam só
O jeito que o samba ficou
Nosso povão ficou fora da jogada
Nem lugar na arquibancada
Ele tem mais pra ficar
Abram espaço nesta pista
E por favor não insistam
Em saber quem vem aí
O mestre-sala foi parar em outra escola
Carregado por cartolas
Do poder de quem dá mais
E o puxador vendeu seu passe novamente
Quem diria, minha gente
Vejam o que o dinheiro faz*

*É fantástico
Virou Hollywood isso aqui
Luzes, câmeras e som
Mil artistas na Sapucaí*

*Mas o show tem que continuar
E muita gente ainda pode faturar
"Rambo-sitores", mente artificial
Hoje o samba é dirigido com sabor comercial
Carnavalescos e destaques vaidosos
Dirigentes poderosos criam tanta confusão*

E o samba vai perdendo a tradição

*Que saudade
Da Praça Onze e dos grandes carnavais*

*Antigo reduto de bambas
Onde todos curtiram o verdadeiro samba*

“E o Samba Sambou”
Compositores: Helinho 107, Mais Velho, Chocolate e Nino
Samba-enredo da São Clemente para o Carnaval de 1990

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Eliakim. *A Globo atravessou o samba*. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-082.htm>. Acesso em: 30 de out. 2013.

BULAWSKI, Fabiane Maldaner. *Jornalismo visual e infografia - Uma análise das revistas de informação Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital*. 2009. 143p. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de Momo: Imprensa e Carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DINIZ, André. *Almanaque do Carnaval: A história do Carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2002.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. *Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil*. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 2009

MACIEL, Marco Andrews Felgueiras. *Folia na Rede: O Carnaval na Internet*. 2007. 132p. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARTINS, Lula Branco. *RSC, ano quarenta*. Rio, Samba e Carnaval, Rio de Janeiro, n. 40, p. 116-125, março. 2011.

MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821)*. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, n. 49, p.27-41, 2007.

MONTANO, Diogo. *O maior espetáculo da Terra*. Disponível em: <http://redemanchete.net/artigos/artigo.asp?id=41&t=O-maior-espetaculo-da-Terra>. Acesso em: 26 de out. 2013.

MORAES, Eneida de. *História do Carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

PERRET, Raphael. *Novo modelo de transmissão*. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-154.htm>. Acesso em: 30 de out. 2013

RAPHAEL, Victor. *Foliões Internéticos - A importância da Internet para manter a cultura carnavalesca*. Disponível em:
<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-242.htm>. Acesso em: 30 de out. 2013.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, André Luiz da; SILVA, Priscila Maíla da. *Folkcomunicação: TV Manchete e as transmissões ao vivo da Sapucaí que transformaram a Cultura Popular em espetáculo*. Revista Eletrônica Temática, Paraíba, Ano VI, n. 12, dezembro. 2010. Disponível em: www.insite.pro.br. Acesso em 26 out. 2013.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco - introdução à cultura de massa brasileira*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes Ltda, 1973.

SOUZA, Cássia Helena Glioche Novelli de. *O desfile das escolas de samba na televisão: Vinte anos de Sambódromo*. 2004. 52p. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.

VASQUES, Tutty. *Samba do telespectador doido*. Disponível em:
<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-050.htm>. Acesso em: 29 de out. 2013.

XEXÉO, Artur. *Aconteceu, virou Manchete*. Disponível em:
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_acomeceu_virou_manchete. Acesso em 26 de out. 2013

Websites

<http://www.carnavalesco.com.br/>

<http://www.sidneyrezende.com/editoria/carnaval>

<http://www.galeriadosamba.com.br/V41/>

<http://www.sambariocarnaval.com/>

<http://www.sambaderaiz.net/>

<http://odia.ig.com.br/diversao/carnaval/index.html>

<http://www.academiadosamba.com.br/>

<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/>

<http://www.radioarquibancada.com.br/>

<http://carnaval.tupi.am/>

<http://radioacaofm.com.br/>